PRELUDIOS POETICOS

DE

Juvenal Galleno da Costa Silva

NATURAL DO CEARÁ.

RIO DE JANEIRO

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.

1856

Governo do Estado do Ceará

Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura
Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura
Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos
Karine David
Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural
Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno
Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial
Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez
Cristina Rodrigues Holanda
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Jorge Pieiro
Maria Eleuda de Carvalho
Rafael Sânzio de Azevedo
Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno

— OBRA COMPLETA —

PRELÚDIOS POÉTICOS

2ª edição

Organização
Raymundo Netto

Apresentação
Sânzio de Azevedo

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa

Prelúdios Poéticos
2ª edição
Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará
CEP: 60.839-900
www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno
Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial
Raymundo Netto

Revisão de texto
Jorge Pieiro e Raymundo Netto

Digitação do original
Florinda Meneses e Raymundo Netto

Capa
Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação
Elias Sabóia

Ilustrações
Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg
Na orelha biográfica: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo
A seguir: Folha de rosto da edição original de *Prelúdios Poéticos*, acervo do Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, e óleo sobre madeira de Otacílio de Azevedo para "Juvenal Galeno", acervo pessoal de Sânzio de Azevedo.
Foto de orelha: Fotografia de Juvenal Galeno captada por daguerreótipo da Comissão Científica Exploradora em 1860, acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Catalogação na Fonte

G 153 p Galeno, Juvenal
Prelúdios poéticos / Juvenal Galeno; organização Raymundo Netto._ 2. ed._ Fortaleza: Comercial, 2010.
160 p. :il. (Coleção Nossa Cultura, Série Memoria)

ISBN: 978-85-98766-67-6

Co-edição com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará - Secult.

1. Poesia Brasileira. I. Raymundo Netto. II. Título. III. Série.

CDD B869.1

Juvenal Galeano

Otacílio
19

ÍNDICE

Retorno às Origens 11
Prelúdios Poéticos: Romantismo e Regionalismo,
por Sânzio de Azevedo 15
Duas Palavras 25
Numa noite de luar 27
O ímpio 30
As Cearenses 41
O despertar 44
Adeus, Aratanha! 50
Cismar 53
Não te esqueças de mim! 56
Ah! não valses! 58
Pergunta a lua 60
A enjeitada 62
Sou triste! 66
Ela 68
A bela e o poeta 70
Meu anel 72
Folhas soltas 76
O cravo desprezado 86
A noite de S. João 91
O nauta órfão 94
Delírio do libertino 97
O meu leito 99
A florista 102

Spleen..... 104
Canta!..... 106
A sorte do poeta..... 108
A serrana..... 113
A canção do jangadeiro 116
Gemidos de um infeliz..... 119
Cantiga do violeiro (poesia popular)..... 123
As duas amigas 128
Recordações da infância..... 130
A Mariposa..... 134
Assim! 135
Escuta! 136
A procela 138
A bonança 141
Vem!..... 144
A sinhazinha 146
Lembranças da partida..... 148
Ave, Maria..... 154
No álbum 156
Nas vésperas de publicar este livro 158

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de ***Juvenal Galeno: obra completa*** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a "literatura brasílica", de 1869, e a segunda, sobre "A poesia sertaneja", de 1875), agora, sob o impacto da "globalização" imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador "jugo de estrangeiras emoções".

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

> Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

> Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura "brasílica":

> Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT

de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de Juvenal Galeno**, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho
Secretário da Cultura
do Estado do Ceará

PRELÚDIOS POÉTICOS: ROMANTISMO E REGIONALISMO

Sânzio de Azevedo

Ministrando aulas no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará/UFC ou escrevendo em jornais e revistas de nossa terra, há mais de trinta anos tenho lutado contra uma lenda que teima em vir à tona, vez por outra. Essa lenda é a de que Juvenal Galeno só começou a fazer poesia de caráter popular depois de um conselho que recebera de Gonçalves Dias, que estivera no Ceará em 1859.

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), em livro cuja primeira edição é de 1928, depois de afirmar que a atividade literária no Ceará começou exatamente "com a chegada de Gonçalves Dias, refere-se aos *Prelúdios poéticos*, publicados por Juvenal Galeno no Rio, em 1856. E completa:

> O estreante de 20 anos procurou naturalmente o grande cantor das selvas e dos índios. E este aconselhou ao poeta imberbe que se deixasse de versos acadêmicos e que procurasse no povo e na terra a matéria poética dos seus versos.[1]

É o caso de perguntar: se os poemas do primeiro livro do autor cearense nada tinham da musa do povo, em que Gonçalves Dias se teria fundamentado para dar esse conselho?

O pior é que um grande escritor cearense, nada menos que Antônio Sales, afirmou, num livro do final dos anos trinta, após falar do Romantismo:

1 LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos*. Segunda Série. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, p. 100.

> Foi esse um áureo período do pensamento brasileiro. Juvenal Galeno, obscuro e mal aclimado ainda, entrou como pôde no torvelinho, e aos vintes anos (1856) publicava os seus "Prelúdios Poéticos". Suponho nada terem de comum esses versos com o gênero a que Juvenal se consagrou depois, tornando-se inimitável. Tenho mesmo motivos para afirmar que os "Prelúdios" se cingiam muito de perto a modelos que não eram, como para uma grande parte dos poetas de então, Lamartine ou Byron.[2]

Note-se que o autor de *Aves de arribação* demonstra claramente não ter à mão o livro de Galeno, usando expressões como "Suponho" ou "Tenho mesmo motivos". Infelizmente, durante muitos anos os *Prelúdios poéticos*, devido à sua raridade, eram inacessíveis, e com base principalmente na autoridade de Antônio Sales cheguei a acreditar fossem ainda neoclássicos os primeiros versos do poeta, não obstante sua convivência, na então Capital do Império, com Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Manuel de Macedo e outros vultos do Romantismo brasileiro.

Foi então que um amigo, o saudoso bibliófilo cearense José Bonifácio Câmara, forneceu-me cópia do livro, em cuja folha de rosto se lê: "PRELÚDIOS POÉTICOS / de / Juvenal Galleno da Costa Silva / Natural do Ceará / (vinheta com uma lira enramada) / Rio de Janeiro / Typ. Americana de José Soares de Pinho / Rua da Alfândega n. 210 / 1856."

Folheando esse livro, deparei-me logo com a presença avassaladora do Romantismo, não somente na dicção do poeta cearense, mas também nas epígrafes de Victor Hugo, Alfred de Musset, Lamartine, Alexandre Herculano, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Gonçalves de Magalhães e outros.

2 SALES, Antônio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza: Castro e Silva, 1938, p. 39-40.

Os metros usados são típicos da corrente, como o decassílabo, em "Numa noite de luar":

Ah, vem querida virgem, vem meu anjo;
Tão medrosa não fujas, cara amante!
Contempla o vasto mar, contempla a lua,
Ouve a onda gemer pouco distante.

Como o verso de sete sílabas, ou redondilho maior, em "O Cravo desprezado":

Em teu raminho verdoso
Eras belo a vegetar!
Tão garboso, pelos ares
Doce aroma a espalhar.

Não falta o eneassílabo, verso de nove sílabas, em seu andamento anapéstico. É o caso de "A Enjeitada":

Eu a vi!... Triste pranto banhava
Sua face tão linda e corada!...
Era jovem e já desditosa,
Era, oh Deus! uma triste enjeitada!...

Nem o hendecassílabo iâmbico-anapéstico, o mesmo que abre o poema "I-Juca-Pirama" de Gonçalves Dias. No livro do poeta cearense, temo-lo em "Cismar":

E a lua vagava nos Céus infinitos,
Tão bela qual virgem sozinha pensando!
E eu era mui triste no adro do Templo
Na laje marmórea, na vida cismando!

É genuinamente romântico o poeta que, em versos cheios de amargura, derrama-se na confissão desses decassílabos do poema "Sou triste":

Sou triste como a linfa suspirosa
Entre a selva de noite serpeando;
Sou triste como a rosa murchecida,
Que a fera ventania vai levando...

O subjetivismo, a tristeza explícita, as comparações, o vocabulário, a adjetivação, tudo nesses versos remete para a escola de Musset e Lamartine.

É verdade que, às vezes, ressumam leves reminiscências neoclássicas (o que é compreensível num leitor de Gonçalves de Magalhães), como neste trecho, em tetrassílabos (de quatro sílabas), de "Adeus, Aratanha!":

Triste suspiro
Solto do peito,
Que da saudade
Jaz tão desfeito!

Mas diga-se a verdade: de neoclássico há aí unicamente o metro. Esse suspiro saudoso é característico da escola romântica, dentro da qual nasceu literariamente o jovem poeta.

Entretanto, não foi apenas Romantismo que encontrei nos versos desse livro: lá estão, vivas, se bem que ainda não em sua melhor forma, as notas regionalistas precursoras da poesia de raiz popular que haveria de consagrar Juvenal Galeno.

E antes que alguém afirme que os poemas do livro são ainda bisonhos, bem longe da arte de "A Jangada" ou do "Cajueiro pequenino", lembro que em literatura há dois tipos de importância, a estética e a histórica. Os *Prelúdios poéticos* têm valor histórico porque abrigam os primeiros textos de caráter romântico e regionalista do poeta, inspirados pela musa popular.

Distante de sua terra natal, espraiava-se o bardo, em junho de 1856, nos heptassílabos de "A Noite de S. João":

Em minha terra a estas horas
Eu sorria alegremente,
Tirava sortes co'as moças,
E brincava tão contente!
Era ledo e folgazão
Em noite de S. João!

Pulava destro e sorrindo
Por cima duma fogueira,
Aplaudido sendo sempre
Por menina feiticeira!
Brincava com tantas belas,
Por S. João — compadre — delas!

Era sem dúvida o prenúncio daquele poeta observador que, embora romântico, anotava de maneira mais ou menos realista todas as facetas do viver do nosso povo. No mesmo poema, há este trecho que revela a crença das jovens casadoiras:

Um sorriso de menina,
Que tirou sorte bonita...
Um suspiro doutra moça,
Que na sorte lê: — desdita!...
. . . . . .
Uma vai atrás da porta
Co'a boquinha cheia d'água,
Ouve um nome... é do seu noivo,
Tem prazer ou sente mágoa!

Também o homem do mar, que haveria de merecer-lhe versos duradouros, está presente nas rimas do estreante, como em "A Canção do jangadeiro", na qual diz, entre outras coisas:

Rema, rema, jangadeiro,
Vai tua esposa abraçar,
Ver os tão tristes filhinhos,
Que já choram de esperar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!
. . . . . .

Tua esposa, cuidadosa,
Teus vestidos a enxugar,
Quanto é terna e desvelada,
Quanto é firme o seu amar!
Rema, rema, jangadeiro,

"A Canção do jangadeiro", como vários outros poemas do livro, foi escrita no Ceará, em 1855. Desse mesmo ano é a "Cantiga do Violeiro", que traz esta indicação entre parênteses: "poesia popular", o que é significativo. É esse poema formado de versos de sete e de quatro sílabas:

Nas cordas desta viola
Quando toco e vou cantando,
Meu coração contristado
Em prazeres vai nadando.

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração...

Não é fora de propósito imaginar que Gonçalves Dias, ao receber do então jovem poeta um exemplar de seu livro, viu que nele o que havia de mais original eram os poemas de cunho popular, daí, sim, o conselho para que o autor desenvolvesse essa faceta de sua inspiração.

Os *Prelúdios poéticos* representam, a meu ver, o marco inaugural, não da literatura cearense (pois sigo a opinião de Dolor Barreira, ao considerar como tal as produções dos Oiteiros, do tempo do governador Sampaio), mas do Romantismo no Ceará, o que não é pouco.

Ao enfrentar pela primeira vez o público ao qual se destinavam seus versos, o jovem poeta se apresentava timidamente, escrevendo com humildade palavras deste teor: "Quando lerdes este livro, lembrai-vos de seu título, da tenra idade de quem o escreveu, e sede indulgentes."[3]

Diante de tudo que aqui foi exposto, não há razão para que se repita a afirmação infundada de que os *Prelúdios poéticos* nada tinham de romântico ou de regional.

Juvenal Galeno, já em seu livro de estreia, fazia palpitar, ainda que timidamente em seus versos de principiante, a alma do povo cearense, da qual ele seria, nove anos mais tarde, o legítimo intérprete, nas *Lendas e canções populares.*

3 GALENO, Juvenal. *Prelúdios poéticos*. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1856, p. 8.

A MEUS PAIS

Caricatura de Juvenal Galeno,
por Carlus

DUAS PALAVRAS

Convencido do pouco que valem as mesquinhas trovas de um vate noviço e sem habilitações, algum tempo hesitei em dar a luz estes versos nascidos nas ledices da infância e nas emoções da adolescência; mas vencido pelo desejo de oferecer aos meus desvelados pais um livro de minhas tentativas poéticas, decidi-me apresentar ao público, não um livro de poesias, e sim, os primeiros ensaios de um jovem que se entrega nas horas vagas ao culto das musas.

Dei o nome de *Prelúdios Poéticos* aos meus versos, e julgo assim revelar o que eles são.

Diversas sensações presidirão ao nascimento de meus *Prelúdios*; alguns foram escritos na pitoresca serra da Aratanha, cercado de minha família, e dos amigos da infância; outros escrevi-os longe de meus lares, longe das pessoas que mais amo, nessas horas de tristezas, em que sente-se os olhos orvalhados com os prantos da saudade!...

Qual avezinha fraca e medrosa, que aprende a voar ao redor do ninho, assim aprendo a cantar.

Como as notas de uma harpa dedilhada pelo aprendiz, que apenas solfeja, são os meus *Prelúdios* rudes e dissonantes.

Basta leitores: não pretendo escrever um prólogo, e sim uma confissão ingênua em duas palavras.

Quando lerdes este livro, lembrai-vos de seu título, da tenra idade de quem o escreveu, e sede indulgentes.

O Autor.

NUMA NOITE DE LUAR

Oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!
(Gonçalves Dias)

Quanto é bela, Maria, e doce a vida
Passada nesta estância prazenteira!
A teu lado a cismar terno em amores
Devisando em ti um anjo, ah feiticeira!

Tu me foges corando?... Ah! não, não fujas!...
Tem encantos, magia, em noite bela
Estas horas passadas ao teu lado,
No peito a repousar, de quem te anela!

Ah, vem querida virgem, vem meu anjo;
Tão medrosa não fujas, cara amante!
Contempla o vasto mar, contempla a lua,
Ouve a onda gemer pouco distante.

Quanto é linda, Maria, a natureza
Vista ao frouxo clarão d'astro saudoso!
Quanto inspira o furor, a majestade
Deste mar, que hoje vemos tão ruidoso!

Ah! não vês como mansas desenrolam
As águas em lençóis de branca espuma?...
Ah! não vês como fogem tão depressa,
E assim lidam sem descanso e pausa alguma?!...

Semelhantes ao gozar de curto instante
Do vate sonhador e moço ardente!
Quantas vezes assim chegando, foge
O prazer, qu'em momentos só se sente!

Como é rouco o ruído destas ondas,
Que ali se amontoam em fúria insana!
Querendo assim transpor certos limites
Marcados por mão Santa e soberana!...

Assim, ai! neste mundo, muitas vezes,
As dores se acumulam, sofrimentos!...
Eis o vivo painel d'alma d'um homem
Quando sente do infortúnio acres tormentos!...

E não vês desta praia a branca areia?
A lua no oceano refletindo?...
Mais brilham teus olhos, minha amada,
E mais alvo teu colo, puro e lindo!..

E as conchas espalhadas cor de rosas
Não são belas, Maria, no luar?...
Mas... tuas faces eu acho mais formosas,
Quando me olhas assim leda a corar!...

Por que foges de mim enrubescida?
Por que foges correndo, oh minha amada!?
Pois não achas tão belo o vasto quadro,
A praia com luz fraca alumiada?...

Ai, tu foges, porque o teu amante
Te confessa a beleza de teu rosto!
Tu foges, qual a onda que ali foge,
Qual ave p'ra seu ninho no sol posto!

O ÍMPIO

Ao Senhor Dr. Joaquim Manoel de Macedo

Ateu, a quem o mal fizera escravo!
Teu futuro qual é? Quais são teus sonhos?
.....
Nas angústias da vida, o teu consolo
O suicídio é só, que te promete
Rica messe de gozo, a paz do – nada!

(A. Herculano)

I

Vistes o condenado em duros ferros
Em seu longo viver triste cruento?
Cavadas faces, olhos macerados,
Co'a palidez no rosto macilento?

Seus cabelos cinzentos e tão longos,
Os braços descarnados e pendidos,
Junto ao fero carrasco, algoz tremendo
Apupado dos homens reunidos?...

Vistes vós o raivoso olhar que lança
A turba vil na forca reunida?
Sarcástico sorriso ao mundo inteiro,
O desprezo infernal, que mostra à vida?

Assim era o ímpio no cume escalvado,
No cimo do monte!...
Assim ele olhava descrido e altivo
O vasto horizonte!...

Em triste condenado eu vejo, às vezes,
O apego da vida, uma esperança!
A voz da consciência, que lhe fala,
Da esposa e tenro filho uma lembrança!

O suor glacial, que banha o rosto,
Olhar amortecido e tão medroso!
Um medo... um tremor em todo corpo...
Receio de morrer... e esperançoso!...

Olhos de piedade sobre a turba
O crime furiosa escarnecendo!
Ao padre, que, mui santo Deus lhe lembra
Sorriso de infeliz vai desprendendo!...

Mas, o ímpio malvado sorria na rocha
Com riso infernal!
Com olhos altivos, com gestos ferozes
Qual gênio do mal!...

Não se via em seu rosto uma só prova
De santa piedade e contrição!...
Era tigre voraz, fera sedenta,
Só se lia em sua fronte: – maldição!...

Aos seus pés se alongava um negro abismo
De rochas semeado, feio, escuro!
E nesse antro ecoava alto rugido
D'um rio impetuoso forte e duro!

Pisava negra rocha mal sentada
Nas bordas desse inferno só d´horror!
Não tinha uma só erva! nua e suja,
Igual a infame alma do impostor!

A brisa suspirava com doces trinados
D'alados cantores!
E tudo vê ele pensando constante
Em quadros d'horrores!

II

Há um Deus, oh ímpio! um Deus infinito
D'imensa bondade!
Um Deus puro e Santo, qu'ao triste proscrito,
Misérrimo da terra sozinho vagando
Por entre maldade,
O santo caminho lhe vai apontando!...

Há um Deus, que o vício poluto e malvado
No mundo reinante,
Castiga tão reto o perverso pecado,
Esparge bondoso aos bons recompensa
Ao crente constante,
Que o ama e adora, mui puro o incensa!

Não vês balouçando a flor cheia d'aroma
Co'a brisa fagueira?
Num Céu estrelado casta lua, que assoma,
O astro de luz, que sai no horizonte,
A linfa faceira,
Que leda murmura na grimpa do monte?...

Não vês as estrelas nos Céus radiantes
Com vivos fulgores?
As selvas verdosas do sol tão brilhantes,
A aurora raiando tão fresca, tão pura,
Com seus trovadores,
O belo, qu'impera por toda a natura?...

Não ouves a grata e a doce harmonia
D'alados cantores
Nos ramos do bosque com terna magia?
Não ouves a brisa, que amante suspira
Com lindos amores
Brincando na selva num dia qu'expira?

Não vês a procela, que ruge raivosa
Nas serras, nos mares,
A terra inundando com chuva abundosa?...
O rouco e horrível trovão mui fremente,
E tristes cantares
Do nauta nas ondas da morte tremente?

Oh! Contempla ímpio malvado
Este painel majestoso!

Vê o quadro da tormenta,
Vê o belo e bonançoso!

Vê na linfa e verde relva,
Vê no sol, lua e flor,
O existir do Santo Deus,
Bondades do Criador!

Vê no trovão, no relampo,
Da procela no fremido,
A ira do Ser Eterno,
Maldição para o – descrido!

Vê no quadro bonançoso
A vida do crente Santo,
Perfumada pelas flores,
Banhada por doce encanto!...

No fragor da tempestade,
Na procela desabrida,
Teu viver, tua alma imunda,
D'ímpios vícios combatida!...

Silêncio! Nas quebradas lá das serras,
Pelos antros ecoa hórrido canto!
É a voz rouca e forte d'um descrido,
Qu'ímpio blasfema dos Céus, e da terra!
Escutemos!...

IV

"Que me importa a majestade
D'esta montanha infinita,
O tufão, a tempestade,
Que nas faldas d'ela grita?
Se meu peito jaz poluto,
Do mundo já tão corrupto,
Pela turba escarnecido!
Se não creio na ventura,
Se rio da desventura,
Se sou um homem descrido?!...

"Que me importa a florinha
das colinas, fresca brisa
Movendo a tenra ervinha,
Que verdes campos matiza?
Hoje assim leda sorrindo,
Seus aromas espargindo,
Amanhã já desprezada,
Sobre hástea ressequida
Da borboleta esquecida,
Reduzida a pó e nada!

"Que me importam os passarinhos
Mimosos e multicores,
Saltitando nos raminhos,
Das balças firmes cantores?!...
São poetas inspirados,
São cantores desgraçados,

Que vivem só de cantar!
Menestréis são insensatos
Cantando junto aos regatos
Sem ninguém os escutar!...

"Irado freme o tufão,
Cai a chuva sem cessar,
Nas serras ronca o trovão,
Vai a procela aumentar!
É grito rouco do peito,
Do infortúnio desfeito,
Do poeta sofredor!
Desordens da natureza!
Nada vejo de grandeza,
Nada eu acho encantador!...

"O que vale uma donzela,
Das que vejo nesta terra,
Chamada pura e mui bela,
Que candura, amor encerra?!...
O que são? Entes vaidosos,
Demônios tão perigosos,
Cruéis, torpes, infernais!
Que valem? Sua missão
É ralar um coração
Com seus sorrisos venais.

"O que são? São do pecado
Autoras, são acre fel,
Que nos tornam malfadado

Nos dando poluto mel!...
Junto ao peito nos aquecem,
Logo depois nos esquecem
Com infâmia, com traição!
Se hoje dão d'amor um beijo,
Amanhã várias sem pejo
Mortífero veneno dão!...

"Os homens, vermes malditos
No mundo sempre vagando,
São misérrimos proscritos
Difícil campo trilhando!
Da madeira carcomida,
Desta terra corrompida
Mesquinhos vermes eles são!
Na senda do vício imundo
Assim vivem eles no mundo,
Nascidos da podridão!...

"Vivendo com raiva insana,
Fero ódio alimentando,
Ah! deles todo dimana
O descrer, o fim nefando!
Entes vis, destruidores,
Em desabafo aos rancores,
Que nutrem no coração...
Crua morte, guerra, guerra
Começam por toda terra
Dão a morte ao próprio irmão!

“Da guerra feia bandeira,
O sanguíneo pavilhão
Nesta terra desordeira
Tremula na multidão!
Ninguém diz: homem! poupai
A vida do velho pai,
Do irmão e mãe querida!
Soa a guerra, morte, morte
Já vejo do sul ao norte,
Entre a turba corrompida!

“Não veem a fronte pálida
Da vítima, qu’assim expira!
Do carrasco a mão esquálida
Sobe ao ar, a vida tira
Daquele, que é seu irmão!...
Venha horrível maldição
Para o mar de atrocidade
Não há ventura e bondade,
Não existe piedade ,
Só há no mundo maldade!

“E como crer na ventura
Eu?... o ímpio atrevido,
Com alma negra e impura,
Das turbas escarnecido?!...
Se neste mundo lançado,
Eu me vejo rodeado
De guerra torpe, maldita?!
Se nesta turba devassa

Eu libo do fel a taça
Do sofrer, que o ódio incita!

"E como crer na grandeza,
Que tem suprema bondade,
Se o que chamam natureza
É turbilhão de maldade?!
Se por Ele entes criados
São mais qu'ímpios malvados,
De sangue feras sedentas!
Como ter de Deus a crença,
Se só te vejo, oh! descrença,
Que sempre no mundo aumenta!

"Não creio, não creio em nada!
Esta vida vou findar!
Vou ter hoje por morada,
Este abismo de espantar!
Vou morrer!... Deixando a vida,
Corpo, e alma destruída,
Em nada vão-se acabar!
Que grite a turba corrupta:
Morreu alma tão poluta,
O corpo d'ímpio sem par!..."

V

Em negra e furiosa tempestade,
Quando a chuva abundante banha a terra,
A rocha mal segura da montanha,

Inclinada no monte, amolecida
Desaba e para as bordas se encaminha
Do precipício!

Um rochedo encontrando despedaça,
Nas cavernas dos bosques alto ecoa
Horrível estampido, um rouco grito
Da rocha nos abismos despenhada!

Assim nesse abismo o ímpio se lança,
Injúrias, blasfêmias malvadas cuspindo!
E na marcha tremenda encontra mil rochas,
O crânio esmigalha e assim vai caindo!..

Com crime negro e horrendo,
Com o suicídio infernal,
Do bom e santo descrendo
Findou-se o gênio do mal!
Assim acaba o malvado,
O filho, que depravado
É monstro de ingratidão!
Morreu o homem descrido,
Morreu o ímpio atrevido,
Maldição, oh! maldição!...

AS CEARENSES

Têm tantos encantos, têm tantas meiguices,
Candura e primor,
Gentis Cearenses se gozam formosas
Da idade o frescor.

São lindas florinhas,
São ledas, mimosas,
Têm faces coradas
Iguais duas rosas;
Os dentes marfim,
Os lábios carmim!

Seus risos são castos, são puros, são lindos
E fazem cismar!
Enlevam se ledos, fascinam se tristes,
E fazem amar!

O riso d'aurora
É pulcro e mimoso,
Da rosa mui cândido,
Da relva formoso;
Mas, ai risos seus
Cativam, meu Deus!

Os olhos ardentes de si lançam fogo,
Com ternos olhares!
São negros, são vivos, traquinos seduzem
Fogosos brilhares!

O sol alto dia
É quente, abrasante,
É belo se lança
Sua luz tão brilhante;
Mas, ai, olhos seus
Mais brilham, meu Deus!

Seus rostos de neve, seus rostos morenos,
São sempre corados;
São lindos, viçosos, macios e puros,
E são delicados.

É belo o moreno
Do jambo odoroso,
Alvor dos jasmins
Do prado orvalhoso;
Mas, são rostos seus
Mais belos, meu Deus!

Seus colos arfando com doce inocência
Têm tanta magia!
Seus ternos suspiros são tão sedutores
E têm poesia!

A relva verdosa
É bela movendo,
Ao sopro da brisa
No prado correndo;
São suspiros seus
Mais belos, meu Deus!

Se arrancam das teclas d'harmônico piano
Os sons afinados,
Arroubam se cantam! Seus doces acentos
Ah, são inspirados!

Das balças cantores
Com grata harmonia,
Desprendem canoros
Doce melodia;
São os cantos seus
Mais belos, meu Deus!

Os negros cabelos se soltos, se presos
São sempre formosos!
Seus braços bem feitos, as mãos pequeninas,
Os dedos mimosos!...

Anjinhos na terra,
São tão feiticeiras,
Ingênuas e cândidas
São castas, fagueiras!
Com tanto dulçor
Respiram amor!

O DESPERTAR

(Fragmentos)

Porque havíeis passar tão doces dias?...
(Serpa Pimentel)

I

Da vida no jardim coradas rosas
Espargiram florindo doce aroma
Nessa quadra feliz, quadra d'encantos,
Na infância minha, oh céus! que tão serena
Deslizou-se, qual puro regatinho
Murmurando desliza entre as ervinhas
Em manhã bonançosa, em noite estiva.
No horizonte da vida se mostrava
A estrela dos meus sonhos radiante;
Seus fulgores traziam mil encantos
À minha alma já ébria de ledices!...

II

Sim: vaguei entre flores orvalhosas,
Em mares de ventura, em leda aurora;
Respirei, respirei gratos perfumes,
Que os dias de candura perfumavam-me!
E o astro tão formoso, a diva estrela
Mais bela prosseguia em seus fulgores,
E vendo-a um prazer, um gosto infindo
Difunde-se-me n'alma e sempre, sempre
Os meu olhos cravados nela tinha,

Qual nauta em seu batel fendendo as ondas,
A cismar alta noite olhando a lua,
Encontra mil encantos, que lhe trazem
À mente tão cansada de pesares
Fagueiros pensamentos e felices!

III

Foi tão belo esse tempo e venturoso,
Esse tempo infantil de puros sonhos,
De meigas ilusões e de inocência!...
Morava numa serra em leda estância,
Em térreo paraíso onde a natura
Pródiga semeou magas belezas!
No seio carinhoso da mãe terna
Eu vivia enlevado em amor santo,
Aos prazeres da infância só entregue,
Aos meus sonhos fagueiros, e inexperto
Crendo a vida ser éden de venturas,
Um gozar infinito, um doce enlevo!...

IV

Foi tão belo esse tempo e venturoso!...
Ai, depressa findou-se!... Turvo e escuro
Divisei o horizonte, e ansioso
Procuro minha estrela fulgurante,
O luzeiro de esperanças, que dourava
A quadra da existência bonançosa!..
Eclipsou-se!... Apenas fracos raios
Vi no manto sombrio se perderem!

De minha vida as flores orvalhadas
Murcharam... e as pétalas, que caem
Dos ventos à mercê foram voando!...

E o regatinho tão puro,
Que corria brandamente,
Murmurando docemente,
Ai, tornou-se feio, escuro!...
Era ledo e preguiçoso,
Tornou-se tão furioso,
E na turva correnteza
Levando foi a beleza,
Que tinha por bonançoso!...

V

Era triste esta fase da existência!...
Me doía o coração, molhavam prantos
Os meus olhos, que à prima vez choravam!
A febre me abrasava a fantasia,
Pálido medo em meu rosto se mostrava...
Cansado de chorar olhei o mundo,
Procuro a minha estrela, a mãe amada,
Que meus passos guiava carinhosa...
Era estranho o painel qu'ante mim via:
Tormentoso deserto descampado
Sem, sequer, um oásis, em que pudesse
O meu peito molhar, que me abrasava!
Perdido, caminhei! Como um proscrito
Dos lares pátrios longe, em terra alheia;

E nesse caminhar, oh! Deus, tão longo!
Não via uma florinha, uma só virgem,
Que as dores do perdido minorassem!...

VI

Eu era leve barquinho
Num lago mui bonançoso,
Vagava sereno e belo
Em seu leito preguiçoso;
Mas a tempestade raiou,
O relampo fuzilou,
Para o mar fui arrojado!
Minhas velas se rasgaram,
Os meus remos se lascaram,
Num rochedo fui quebrado!

Eu era terna rolinha,
Tinha um parzinho querido,
Era tão belo e garboso,
Vivia d'amar perdido;
Mas o fero caçador
Veio roubar meu amor,
Meu parzinho bem-amado!
Hoje adejo mui sozinha,
Ululando tristezinha
Com viver amargurado!...

Eu era tenra florinha
Em primavera formosa,

Sorria se fresca aurora
No Céu via cor de rosa!
Assim vivia contente
Nas ribeiras da vertente,
Quando chegou o verão!
Senti-me do sol queimada,
E fiquei toda abrasada
À mercê do furacão!...

Eu era pequeno infante,
Sonhava doce ventura
Ao lado da mãe querida
Toda cheia de ternura!
Veio o tempo de deixá-la,
O tempo de amargurá-la
Vivendo da pátria ausente!
Saudoso sulquei os mares,
Fui viver em outros lares
Infeliz, triste, e gemente!...

VII

Foi negro o despertar! Um solo estranho
Pisava sem ventura, errante e triste!
Entre a turba devassa, ébria de vícios,
Entre risos de sarcasmo em lábios torpes
Saudoso caminhava infeliz bardo!...
Foi negro o despertar! A taça d' ouro,
Que no sonho infantil cheia de gozos
Eu havia libado... em férrea e suja

Transbordando de fel e de veneno,
De mil vícios polutos e descrença,
Ah! vi mudada ante meus olhos!...

As rosas de meu rosto se murcharam.
Fugiram puros risos de inocência!
Um véu de palidez cobriu meu rosto,
Sorriso de infeliz ficou nos lábios,
Meu corpo vai pendendo enlanguescido!...

Rio de Janeiro, abril de 1856.

ADEUS, ARATANHA!

(Versos para serem postos em música)

Triste suspiro
Solto do peito,
Que da saudade
Jaz tão desfeito!

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Deixo saudoso
A minha terra!
Gemer vou longe
Desta alta serra!...

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Adeus, oh! linfas
Tão cristalinas,
Frescos regatos
Ledas boninas.

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Adeus, cantores
Da natureza,
Frondosos bosques,
Tanta beleza!

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Adeus, meu Pai,
Qu'eu amo tanto!
Ah! Mãe querida,
Meu doce encanto!

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Virgem adorada,
O meu amor
Será eterno,
Abrasador!

Aratanha,
Amores meus,
Eu vou partir,
Adeus, adeus!

Ai, já são horas
Da despedida!
Minha alma chora
Entristecida!...

Aratanha,
Amores meus,
Amigos todos
Adeus, adeus!...

Ceará, 17 de janeiro de 1856.

CISMAR

E a lua vagava nos Céus infinitos,
Tão bela qual virgem sozinha pensando!
E eu era mui triste no adro do Templo
Na laje marmórea, na vida cismando!

Cismava no meu passado
Tão alegre e bonançoso!
Olhava para o presente
Para mim tão tormentoso!

Meus olhos fitados no manto celeste
Miravam as estrelas de vivo fulgor!
A lua seguiam, tão pura tão casta,
Vagando tão meiga, tão cheia d'amor!

E via em cada estrela
Um sorriso de esperança,
E na lua divisava
O santelmo da bonança.

Ao longe ruidosas as ondas fremiam
Batendo espumantes com força ao rochedo,
Horríveis abismos formando ao batel
Do nauta sem norte tranzido de medo!

Era o sorriso infernal
D'amargosa desventura,

Gemido do desditoso
Ao deixar doce ventura!

E eu era sentado no adro do Templo
Cismando, cismando na vida de dor!
Tocava uma música, oravam contritos
Os homens seus hinos cantando ao Senhor!

Sofrendo mui acre sina
No mundo pobre vivente,
Vem um dia! Sobe ao Céu,
Ao seio do Onipotente.

E tantos oravam com hinos tão santos
Pensando na vida, dos Céus na mansão!
E outros entregues à torpes orgias,
Com almas imundas, com crime e traição!

Oh! tremei, homens perdidos,
Da ira do Ser Eterno!
Oh! tremei, filhos ingratos,
Os tormentos do inferno!...

E quantos orando par'cendo contritos
Não são, oh meu Deus! descridos malvados?!
E quantos profanam os santos altares
Com hinos nos lábios dos vícios cansados?

Oh! temei, filhos ingratos,
Os castigos do Senhor!

Espera santa virtude
O prêmio do Criador!

E vós, oh, meu Deus, um pai justiceiro,
Deixais essas feras os Céus insultar?!...
Não vedes os filhos tão bons perseguidos
Por esses perversos, de crimes um mar?...

No mundo sofre a virtude,
É no Céu recompensada!
O crime negro e perverso
Nos infernos tem morada!

O Templo deserto já era do mundo,
Os cantos, os hinos já não ecoavam!
Eu inda sozinho na vida cismando,
Pensares mui santos a mente assaltavam!

Cismando sozinho
Qual nauta perdido,
Das feras tormentas
No mar combatido!
Oh! Deus sede o guia
Do vate na terra!
Livrai-o do crime,
Inspirai-o se erra!

Ceará, novembro de 1855.

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!

(Imitação)

Não te esqueças de mim, mulher formosa,
Que na aurora da vida idolatrei!
Não te esqueças de mim, que sou constante
Ao puro e santo amor que te jurei!...

Em ruidoso sarau entre prazeres,
Cercada de mancebos lisonjeiros,
Ao som de bela orquestra em contradanças
Não te esqueças de mim!

Co'a face enrubescida do cansaço
Da valsa doudejante e pressurosa,
E com o peito arfando entre ledices
Não te esqueças de mim, mulher formosa!

No leito reclinada e desprendendo
Dos tão negros cabelos murchas rosas,
Pensando com saudades no sarau
Não te esqueças de mim!

Se da infância com tuas companheiras
Passeares na campina entre os verdores,
Um momento, sequer pensa no bardo,
Que vive em ti pensando e curte dores!

Alta noite cismando em casto leito
Tão pura como um anjo lá dos céus,
Se soltares um suspiro, um ai saudoso,
Não te esqueças de mim!

Se ao luar divagando em branca praia,
Contemplares oceano majestoso,
Colhendo a alva concha, assim brincando
Não te esqueças de mim, anjo formoso!

Correndo os lindos dedos no teclado
Tirando magos sons de teu piano,
Se entoares um canto apaixonado
Não te esqueças de mim!

Se do terno sabiá a voz saudosa
Ouvires de tristeza repassada,
Vê na voz d'avezinha o triste canto,
Que solta um infeliz longe d'amada!

Se ouvires o sussurro nas ramagens
Da brisa que suspira brandamente,
Ouve o meu suspirar quando te peço:
Não te esqueças de mim!
Lembra as noites de amor e de ventura
Que a teu lado feliz passei outrora!
As noites que a teus pés eu te adorava
Como ao anjo divino um vate adora!

Hoje ausente de ti vivo de prantos,
Saudades m'enlanguescem, vão matando!
Sou fiel em amar-te... ai, e eu suplico...
Não te esqueças de mim!

Rio de Janeiro, maio de 1856.

AH! NÃO VALSES!

Se vous n `avez jamais vu d'un oeil de colere
La valse impure, au vol lascif et circulaire,
Effeuilleren courant les femmes et les fleurs;
Vous n'avez point aimé, vous n'avez point souffer
(Victor Hugo)

Ai! não valses, querida, é douda a valsa,
Ai! não valses te peço!
No ligeiro correr voluptuoso
Das faces frescas rosas emurchecem,
Com tamanho calor pende a roseira,
O riso já dos lábios vai fugindo,
A morte se avizinha!

Corpo lânguido e frágil moço ardente
Te aperta nos seus braços!
Começas a voar com fogo n'alma,
E já fraca e doente és quanto paras!
Não é valsa loucura e prazer caro,
Com doença comprado, com cansaço?!
Ai, não valses te peço!

Ai, ela valsava sempre
Pressurosa, com calor,
Vergava seu corpo lânguido,
Já lhe fugia o rubor!
De vê-la louca correndo
Eu, no imo d'alma gemendo,
Tinha susto, era medroso!...

Em correr tão desvairado,
Era o seu passo apressado,
Era o seu porte garboso!

Os olhos se amortecidos
Eram fogosos, brilhantes;
Os lábios um pouco abertos
São pálidos, abrasantes!
Mais não valses, ai querida,
És cansada, enlanguescida,
Não valses... ela parou!
Triste rosa da tormenta,
Com a face suarenta
A louquinha desmaiou!...

PERGUNTA À LUA

Lua pálida e formosa,
Não viste a minha amada,
Quando bela contemplava-te
Na janela recostada?
Não viste a minha Maria
Tão meiga, tão engraçada?

Quando ela contemplava-te cismando
Suspirou?
Suspirando, o meu nome nos seus lábios
Assomou?

Ai, dize, lua gentil,
Minha bela com doçura,
Contou-te, que muito me ama
Tão terna, meiga e tão pura!
E quando contou-te, oh lua,
Que me amava com ternura,
Não botou a mãozinha delicada
No coração?
Não viste nos seus olhos sedutores
Terna expressão?

E já divisaste oh, lua!
Virgem tão bela e mimosa
A cismar assim sozinha,

E suspirando amorosa,
Qual essa linda donzela
Casta, gentil, graciosa?

Mas, ah! em nuvem negra a lua triste
Des'pareceu,
E do bardo às perguntas amorosas
Não respondeu!

Ceará, novembro de 1854.

A ENJEITADA

Sa voix se fondait toute en pleurs mélodieux,
. . . . . tombés en mon coeur!..
(Joseph Délorme)

Eu a vi!... Triste pranto banhava
Sua face tão linda e corada!...
Era jovem e já desditosa,
Era, oh Deus! uma triste enjeitada!...

E eu ouvi-lhe em noite de inverno
Terno canto gemendo entoar!
Ai, chorava cantando e tristinha
Muitas horas passava a cismar!

Era tão triste o seu canto
Como da rola o gemido,
Ululando no deserto
Sem o parzinho querido!

Era terno como o som
D'uma flauta a suspirar
Em serena madrugada,
Em noites d'almo luar!..

Era doce e mui sublime
Da virgem tão triste canto!
Tão cheio de poesia,
Molhado por agro pranto!...

Com voz maviosa, ai, ela assim cantava
Terna e pausada
Em sua guitarra, fiel companheira
Dessa enjeitada!...

.....

"Sou do prado linda flor,
Açoitada pelo vento,
Perdida numa floresta,
Exposta ao frio, ao relento:
De todos abandonada
Pobrezinha desprezada!

"Sem ter pais vivo no mundo
Por estranhos abrigada!
Sofrendo duros pesares,
Muitas vezes maltratada!...
Vivendo triste a gemer,
Em contínuo padecer!...

"Dia e noite assim chorando,
Nada ameiga o meu penar;
Sinto a voz enrouquecer-me
Quando me ponho a cantar!...
Tenho o coração ferido
De viver a suspirar!...

"É tão triste, ai, Santo Deus!
Minha vida malfadada!...

Minha longa desventura
Na face trago estampada!..
E na fronte tenho escrita
Esta palavra: Enjeitada!...

"Sou do prado linda flor
Açoitada pelo vento,
Perdida numa floresta
Exposta ao frio, ao relento;
De todas abandonada,
Pobrezinha desprezada!..."

Deixou de cantar e apenas se ouviam
Prantos, gemidos!
Deixando a guitarra do peito arrancava
Suspiros doloridos!...

.....

Jamais o canto se ouviu
Malfadado e desditoso!
Trocara-o essa donzela
Por um pranto copioso
No Templo da Santa Virgem
Em orar mui fervoroso!...

Via de joelhos, no Templo de Deus,
Na laje polida sozinha a rezar!
Cravando seus olhos na Virgem dos Céus
A virgem da terra par'cia cismar!...

Um dia, que orava no Templo ao Senhor
Deixou de viver essa triste enjeitada!
E foi lá no Céu trocar por dulçor
A vida do mundo, ai tão malfadada!...

SOU TRISTE!...

Ao meu amigo Dr. Hamvultando

Sou triste como a linfa suspirosa
Entre a selva de noite serpeando;
Sou triste como a rosa murchecida,
Que a fera ventania vai levando;

Sou triste com os passos mal seguros
Do velho em seu bordão fraco arrimado;
Sou triste como o riso do proscrito
Saudoso em terra estranha desterrado!...

Sou triste como o dobre do finado
Ecoando nos bosques tão tristonho!
Como a noite de insônia da donzela,
Depois d'um amoroso e terno sonho;

Como o santo gemido da mãe terna
Ao ver-se de seus filhos separada;
Como o ai da miséria que mendiga
Entre a turba devassa, embriagada!...

Como a flácida ervinha ao desabrigo,
Outrora prazenteira e tão viçosa!
Como o canto do bardo das montanhas,
Do terno sabiá a voz saudosa;

Sou triste como o raio enfraquecido
Da tocha do conviva d'um enterro;
Sou triste como a lua contemplada
Pelo homem condenado em vil desterro!

Como a nuvem de inverno, enegrecida,
Vagando por um Céu tempestuoso;
Qual cismar de mulher que foi traída;
Da sensitiva qual murchar mimoso;

Como inverno inclemente e enregelado,
Ou brisa a ciciar no cemitério;
Como os sons de uma flauta maviosa,
Como do rei profeta o almo saltério;

Como rouco piar d'ave agoureira;
Como a última oração do condenado;
Como o triste gemer do moribundo,
Sombrio é meu viver, é desditado!...

ELA

Oh! combien je l`aimais!
(J. Délorme)

Partiu e fiquei gemendo,
Gemendo na solidão!
Em meu rosto ela não viu
A mágoa do coração;
Não conheceu em meus prantos
A minha infinda afeição!

Nem sequer uma só lágrima,
Uma lágrima chorou!
Sorriu-se... fugiu ligeira,
Mais uma vez não olhou!
E nos meus suspiros ternos
Nem, ao menos, reparou!

Não vi nela uma tristeza,
Nem tristeza nem saudade!
Apenas divisei triste
No adeus fria amizade!
Era o anjo que me fugia,
A minha amante beldade!

Em paga de tantas noites,
Dessas noites de insônias,
Dos suspiros e gemidos,
Do ciúme as agonias...

Um olhar frio, e gelado,
Um adeus com alegrias!

É mui pouca para o vate,
Para o vate a recompensa!
O nenhum amor, que mostra
A donzela em que só pensa!
É paga mesquinha d'anjo,
Que nos cantos ele incensa!

E ela partiu sorrindo,
Sorrindo sem compaixão!
Não poder eu odiá-la,
E gritar-lhe: maldição!
Se assim mesmo ela me enleva,
Fascina co'a ingratidão!...

Ceará, janeiro de 1856.

A BELA E O POETA

Quem és tu, que me fascinas,
Que prendes meu coração?
Quem és tu? Serás do vate
Uma ardente inspiração?
Ou serás anjo divino
Descido d'alta mansão?...

Não sou do vate
Inspiração,
Anjo divino
D'alta mansão.

Serás a brisa fagueira
Entre flores murmurando?
Ou níveo astro da noite,
Casta lua divagando?
Ou serás a fresca linfa
Entre ervinhas serpeando?

Não sou linfa,
Brisa fagueira,
Não sou da lua
Luz feiticeira.

Serás o canto da rola
Nos raminhos seus, saudosa,
Ausente do par querido,
Arrulando tão chorosa?

Ou serás lá das campinas
Linda florinha orvalhosa?...

Não sou da rola
O terno canto;
Não sou florinha
De mago encanto.

Serás tu a leda aurora,
Ou ridente viração?
Serás tarde melancólica,
Ou celeste emanação?
Quem és tu, que me fascinas,
Que prendes meu coração?!...

Não; não sou tarde,
E emanação,
Nem fresca aurora,
Nem viração!...

Uma virgem sou da terra,
Que não crê no teu cantar!..
Teus amores me confessas
Sem os meus te consagrar!...

Crer não posso teus louvores,
Os teus versos, teu cismar!
És poeta, e um poeta
Só amor vive a jurar!...

Ceará, outubro de 1855.

MEU ANEL

Ao meu amigo
Dr. José Antônio Rodrigues

Não achastes, oh serrana!
Meu anel, que foi perdido?
Não o vistes lá na fonte
Em fraca ervinha sustido?
Ou da linfa contra a rocha
Combatido?!...

Triste anel, prenda tão cara
Da irmã que eu tanto amava!
Bem longe da cara pátria
Foste lembraça adorada...
Perdido tornas-me a vida
Contristada!...

Ai, dize, dize serrana,
Que é do meu anel dourado?
Ai, dai-m'o, que muito sofro;
E assim gemo magoado,
Qual d'ave sentido canto,
Tão pausado!

Me perguntais, porque triste
Hoje canta o passarinho?
Foi um dia...tinha penas,
Devia deixar o ninho:

Que saudades do arvoredo,
Do raminho!

Ah! deixou terna família
E nos ares se perdeu!
Adeus, tenro passarinho,
Saudoso do berço teu!
Mas do ninho uma lembrança
Te esqueceu?!

Ai, não! Os ares fendendo
Uma palhinha levou!
Palhinha do caro ninho,
Que ao nascer o embalou,
Lembrança do lar materno,
Que adorou!

Onde esse ninho? Bem longe,
Oh! daqui muito distante!
Hoje pousa o passarinho
Noutro ramo verdejante!...
Mas porque tão triste chora
Suspirante?

É doce ao terno proscrito
Da pátria a recordação:
Prazeres que calam n'alma,
Que tocam o coração,
Nos move um dom de pessoa
D'afeição!

Num dia de tempestade,
Rugia forte o trovão
Nas serras zunia o vento,
Uivava fero o tufão;
Dos ares errava o triste
N'amplidão!

E fuzilando um relampo
O passarinho cegou!
Caiu ave desmaiada
Num regato, que encontrou,
E a torrente, meu Deus,
O levou!

Ou fosse obra do acaso,
Ou por Deus fosse mandado,
Por um vate, que vagava
Foi o pássaro salvado!
Salvou-o! Mas a palhinha
Do coitado?

Porque no ramo saudoso
Hoje geme o passarinho?
Infeliz! Não mais achou
A palhinha de seu ninho!
Passa os dias em gemidos
No raminho!

Assim ai, bela serrana,
Choro o meu anel perdido,

Como chora o passarinho
Lembrança do lar querido!
Não o vistes pela linfa
Combatido?...

Pobre vate, achei na fonte
Um anel lindo e dourado,
Tinha formoso cabelo,
Negro, fino e bem trançado!
É o teu! Mas qual a paga
Deste achado?...

Meu anel Oh! Dai-m'o, dai-m'o,
Já não sinto dor insana:
Dou em paga um puro amor,
De meu peito és soberana!
O meu anel! Que ventura,
Oh serrana!...

Serra da Aratanha, janeiro de 1856.

FOLHAS SOLTAS

Sa beauté m'enivrait; je n'aimais qu'elleau monde.
(Alfred de Musset)

Quantas vezes, sozinho, nessas horas
De silêncio na terra entre os humanos,
Quando a onda só fala, a brisa doce
Conversa nos jardins em seus arcanos;
Quando a terra em mudez assim repousa
E o poeta cantar nem sequer ousa;

Quando grande cidade se assemelha
Vasto páramo tristonho, sem viventes;
Quando os vates já são adormecidos,
Depois de seus pensares tão ardentes!
Quando dorme em palácio o rico nobre,
E no colmo descansa o triste pobre;

Quando se ouve o piar pausado e feio
Da coruja agoureira esvoaçando,
Do pérfido ladrão o passo leve,
Que armado vai a presa procurando:
Quando Deus contempla das alturas
No silêncio da noite, as criaturas;

Nessas horas de encanto, à meia-noite,
No leito quantas vezes sou cismando!
Com a vista seguindo o movimento
Das chamas d'uma vela se finando...
Quando o sono de mim foge ligeiro,
E ao passado me volvo todo inteiro!

Quantas vezes, meu Deus! O pranto banha
A face suarenta e já sulcada!
Se olhando do passado o livro extenso
D'amores vejo a folha idolatrada!
A história da mulher, que em fogo ardente
Em delírios amei inda inocente!

Ai do sono infantil era acordado,
De sonhos pueris já não gozava!
Eu vi essa mulher! Morri d'amores,
Dei-lhe o meu coração, que se abrasava!
Ela me amou também!... E fascinante
Jurou eternamente ser constante!

Era linda criança em fresca idade,
Era anjo de meiguices, de candura!
Era pálida mulher de cor morena,

E da terra a mais bela criatura!
Seus negros cabelos ondeados
Matavam, seduziam destrançados!...

Muitas vezes a sós com ela à tarde
As flores contemplamos arroubados!
Passeando sozinhos... eu fitava
Em seus olhos os meus aquebrantados!
Amava essa mulher! Amor ardente,
A vida a seus pés depus fervente!

.....

Aimons nous, ó ma bien-aimée!
(Lamartine)

Um dia éramos sós; eu junto dela
Entre as minhas possuía a mão mimosa!
E seus olhos tão pretos, ternos, lânguidos
Fitava-os ela em mim toda amorosa!
Seu hálito perfumado respirava,
E em mágicos prazeres me engolfava!

A pequena cabeça era pendida
No peito meu ardente e palpitante!
Igual a sensitiva em quem tocara
O inseto esvoaçando doudejante;
Com os lindos cabelos desatados
Em seu colo moreno derramados.

É fada, ou é visão! Anjo divino?
Ai! dizia entre mim vendo-a donosa!...
A formosa mulher me olhava sempre,
Sua face se tornara linda rosa!
Constância e amor! balbuciando
Já ardente, amorosa conversando.

O mundo, oh bem amado, ela dizia,
Um éden me parece de venturas,
Vivemos assim juntos... nos amamos...
E assim eu libo a taça de doçuras!
Ah, o nosso viver, vai-se passando
Suave como a linfa murmurando!

"Sem ti, sem teu amor, sem ver-te sempre,
Que seria de mim, oh Deus! no mundo?..
Florinha do deserto solitária
Ao vendaval exposta furibundo!
Ervinha emurchecendo e se finando,
Sem seiva para a vida ir-lhe durando!

"E o mundo de venturas povoado,
De esperanças, d'amor puro extremoso?...
Um deserto enfadonho!... A vida gelo,
Desalento mortal, e desditoso!
Sem ti eu morreria... amante terna...
Constância, que jurei será eterna!...

Amemo-nos querida, eu lhe tornava;
Nesta vida transitória e tão nublada,
O amor seja o sol, seja o luzeiro,
Nossa estrela brilhante e desejada!
Sem amor findaria o que hoje vemos:
O amor é a vida, oh! sim, amemos!...

.....

Fille de la donleur, harmonie! harmonie!
Langue que pour l´amour inventa le gemie!
(Alfred de Musset)

Uma noite cantava ela mui triste,
Do piano arrancando sons divinos!
Canto inspirado,

Do que a brisa alta noite entre florinhas,
Do que fraco gemer da balsa à tarde
Era mais doce!...

Em bela madrugada, quando em sono,
Com fagueiro sonhar tu repousavas
No leito brando,
Não ouviste jamais ao despertares
D'uma flauta os acordes muito ao longe
Ternos, saudosos?...

Não ouviste jamais doces prelúdios
Arrancados d'uma harpa gemedora
À meia-noite?...
Não ouviste jamais em branca riba,
Nas ondas entoar o jangadeiro
Canto pausado?...

Perdido de saudade em terra estranha
Em teu leito de insônia, em mortas horas,
Triste cismando,
Nunca ouviste ecoar o sino ao longe,
E cantar uma virgem canto ouvido
Na pátria cara?...

O seu canto era mais terno,
Mais suave, mais saudoso,
Do que flauta desprendendo
Um suspiro harmonioso!..
Do que harpa assim gemendo,

Do que sino ao longe ouvido,
Que do pobre jangadeiro
O cantar triste e sentido.

O seu canto era mais terno,
Que da virgem modulando
Endeixas da terra amada
Ao proscrito inda velando!
Ela cantava entoada,
Uma bela inspiração,
Tinha um quê... seu doce acento,
De tocar o coração!...

De um gênio ardente e sublimado
As notas inspiradas e mais ternas
Ela cantava!
Seus gestos, sua voz, seu fogo d'alma,
Compreender me fazia o triste canto
Da infeliz Norma!

.....

. . . . . Eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida,
E livre suspirar!...
(Álvares de Azevedo)

Passeemos querida, a tarde é linda!
O astro radiante, o sol sorrindo

O cimo das colinas vai dourando
Com luz avermelhada, e no horizonte
Inda fulgura!
A cabeça pequena e tão mimosa
Assim deixa caída no meu ombro...
Andemos devagar... ai! és tão fraca!
Ah! contempla querida a tarde bela,
E este campo formoso... Vês as flores
Balouçando com a brisa, que mansinha,
Com o fugaz beija-flor, e borboletas,

Assim brincam na relva com encantos?
Vês o sol, que mergulha no poente,
E do sino gemendo o eco ao longe?...
Vês na mísera choça as criancinhas
Em alpendre pequeno ajoelhadas,
Cantando a oração d'Ave Maria
Com a mãe carinhosa, que lh'a ensina?..
Vês... mas, não... és cansada... este passeio
Vai-te roubando as forças, já mui poucas!
Na margem do ribeiro ali bem perto,
Naquela árvore anosa e derribada
Vamo-nos assentar e descansemos!

Perguntas em que penso?... Vês as folhas
Que voando ali vão secas, mirradas?...
E desta árvore o tronco onde pousamos,
Do tempo carcomido, velho e triste?...
Eu pensava nas folhas e no tronco!

Talvez, minha querida, pouco tempo
Há passado, que verdes e viçosas
Nos galhos do arvoredo em fresca mata,
Estas folhas brilhassem em magas noites
Com pálido clarão da lua bela!
Então eram da brisa festejadas
E das aves nos ramos companheiras!
Tristes hoje esvoaçam, esquecidas,
Em nuvens de poeira pelos campos
Entregues ao tufão e ventanias!...

A árvore, que outrora majestosa,
Com os ramos copados abrigava
O cansado peregrino, o caminheiro
Do quente meio-dia, e do sol quente...
Aqui vemos por terra, apodrecida
Na margem do ribeiro repousando,
Do ribeiro, que ledo se desliza!
Como o velho sisudo, quebrantado,
No leito descansando enlanguescido
Ao lado da criança, que sorri-se!...

Assim, minha querida, neste mundo
Acaba tudo!
Hoje vida de esp'ranças e prazeres,
Depois o nada!

. . . . . .

Não, oh, meus lábios,
Não reveleis arcanos de minha alma!
(Magalhães)

Do meu primeiro amor, da minha infância,
Dos sonhos encantados, das ledices,
Que feliz já gozei, ai dessa história
Não perguntes o fim!

Dessa linda criança, que amei tanto,
Dessa débil mulher, que me abrazava,
Da constância jurada, amor eterno,
Não perguntes o fim!

Pergunta às folhas,
Secas, mirradas
Pelos verdores,
Que já tiveram;
E ao arvoredo
Já carcomido,
Porque sem vida
Na terra quedo
Jaz estendido!

Pergunta ao velho
Pelos amores
De sua infância,
De seus dulçores;
Pergunta aos campos,
Que é das flores,
Que se finaram

Com os ardores
Do sol brilhante!

As flores, o arvoredo,
A triste folha mirrada,
Vos dirão: ai tudo passa!
Reduziu-se tudo ao nada!...

O CRAVO DESPREZADO

Ali no chão esquecida
A pobre rosa singela
Só lastimava o desprezo
Da descuidada donzela.
(Palmerim)

I

Em teu raminho verdoso
Eras belo a vegetar!
Tão garboso, pelos ares
Doce aroma a espalhar.

Fresca brisa da manhã
Ia-te leda beijar!
O terno pranto da noite
As pétalas te orvalhar.

A borboleta formosa,
Junto a ti vinha pousar;
O mimoso beija-flor
Teu aroma respirar.

Se do Céu brilhante estrela
É tão grato o contemplar
Em meu pequeno jardim
Prezava mais te mirar!

Se meigas donzelas vinham
No jardim a passear,
À porfia procuravam
Brando beijo te ofertar!

E vivia o pobre vate
Para, oh, cravo, te adorar!
Eras tu o seu amor,
Era teu o seu trovar!

II

Mas, um dia encantadora,
Sedutora
Vi Maria no jardim!
Devisei o paraíso
Num sorriso
De seus lábios de carmim.

De seus olhos tão mimosos,
Amorosos,
Me desprende um terno olhar!
Vê-te, oh cravo, pressurosa,
Donairosa
Te começa a contemplar.

Que desejo de colher-te,
Of'recer-te
À virgem tão meiga e pura!
Não... não vou, eu te adoro

Por ti choro,
Sem gozar tua frescura.

Que meigo olhar, Santo Deus,
Ela volve,
Que me prende o coração!
Que desejo!... do craveiro
Feiticeiro,
Dou-lhe o cravo... não, oh! não!...

Ai, não posso! Sinto o peito
Já desfeito
De amor, e de saudade!
Eu te colho, cravo amado,
Adorado,
Vais ornar meiga deidade!...

Ela vence! Dos raminhos
Tão verdinhos,
Te colhi cravo mimoso!
À Maria, quero dar-te,
Consagrar-te,
Ao meu anjo tão formoso!

Que prazer!...Leda sorrindo,
Cravo lindo
Em seu seio ela guardou!
Que doçura! Tão mimosa,
Tão bondosa
Recebendo-o ela me olhou!

III

Ah! meu cravo, que eras lindo,
Já não tens vida e frescor!
Lá no seio da donzela
Murchaste com o calor;
Já secaram tuas pétalas,
Já perdeste a linda cor!...

Ornavas o seio virgem,
Eras cravo tão amado!
Perdendo foste a beleza,
Teu odor já espalhado,
A virgem logo esqueceu-te,
Hoje és cravo rejeitado!

Privado de teus encantos,
Já te negam compaixão!
Sem aroma, sem beleza,
Ai, lançado foste ao chão!
Hoje tão emurchecido,
Ontem lindo e mui loução!

Eu te achei do pó coberto,
Pelo povo recalcado
Que amargura então sofri,
Ai te vendo maltratado!
Qual o amor do poeta
Eras, cravo desprezado!

Já não tens verdes raminhos,
Já não tens vida, nem cor,
Mansa brisa, fresco orvalho,
O culto do beija-flor!
Já não tens lindos trinados,
Do volátil trovador!...

Mas, oh! se não tens fugaz brisa d'aurora
Terás meus suspiros com ternos gemidos!
Mas, oh! se não tens o orvalho da noite,
Terás de meus olhos os prantos doridos!

Os ternos gorjeios d'alados cantores
Serão os meus cantos nascidos da dor!
O culto da linda, gentil avezinha
Serão os meus beijos, será meu amor!...

Ceará, 17 de outubro de 1855.

A NOITE DE SÃO JOÃO

Em minha terra a estas horas
Eu sorria alegremente,
Tirava sortes co'as moças,
E brincava tão contente!
Era ledo e folgazão
Em noite de S. João!

Pulava destro e sorrindo
Por cima d'uma fogueira,
Aplaudido sendo sempre
Por menina feiticeira!
Brincava com tantas belas,
Por S. João compadre delas!

Que brinquedos inocentes!
Que noites de tanto gozo!
Se consultando o destino
Todo trêmulo e esperançoso,
Saía sorte engraçada,
Com riso era festejada!

Comer depois com moças
O bolo de S. João
Milho verde bem assado
Da fogueira no brasão:
Que encantos, que primores!
Que noites cheias d' amores!

Um sorriso de menina,
Que tirou sorte bonita...
Um suspiro doutra moça,
Que na sorte lê: desdita!...
E num copo uma experiência,
Do Santinho a sapiência...

Uma vai atrás da porta
Co'a boquinha cheia d'água,
Ouve um nome... é do seu noivo,
Tem prazer ou sente mágoa!
Alhos plantar no canteiro,
Outra vai com pé ligeiro...

Santo Deus!... ah, que encantos
Nisso tudo eu divisava!
Uma sorte, uma experiência,
Do bom Santo me alegrava!...
Sentia tanta emoção
Em noites de S. João!

Se depois virgem formosa
Entoava doces cantos,
Arrancando do piano
Magos sons, magos encantos!
Enlevado e amoroso,
Me sentia tão ditoso!

Tão longe de minha terra
Meu viver hoje é saudoso!

Já não gozo esses prazeres,
Que gozava venturoso!
É noite de S. João,
E eu cismo na solidão!...

Rio, 24 de junho de 1856.

O NAUTA ÓRFÃO

Répétait sa plainte mèlée
Au bruit monotone des mers.
(J. Délorme)

"No horizonte já fuzila
O relampo da procela,
Rasgam ventos furiosos
Do batel pequena vela!
E eu... órfão desditado,
Inda gemo contristado!...

"Perto ouço a trovoada,
O tempo se escureceu!
Desabrida tempestade
Faz tremer! Não tremo eu!...
Nauta e órfão sou tão triste,
Minha mãe no Céu existe!...

"Já gozei ternos carinhos.
Ai, já fui bem venturoso!
Tinha mãe mimosa e terna,
Um pai tinha carinhoso!
Pai não tenho e mãe querida;
É pesada a minha vida!

"Então era qual a rosa
Fresca e bela na roseira!
A procela da desgraça
Matou vida tão fagueira!

Hoje ando nestes mares,
Com tristuras e pesares!...

“Vago assim de terra em terra
Em navio bem veleiro...
O’lho altivo a tempestade
Não a teme um marinheiro!
Destemido olho o abismo,
Da tormenta o cataclismo!...

“Santo Deus! assim vagando,
Quanto sou eu desditado!
Só pensando em minha mãe
Sem a ver junto ao meu lado!
Órfão e triste sou na vida
Para mim tão aborrida!

“Quantas vezes nos combates
Procurei ardente a morte!
Quantas vezes meu batel
Deixo assim vagar sem norte!
E contudo inda sofrendo,
Minha mãe! e não te vendo!...

“Nos mares, no meu navio
Treme em ver-me o marinheiro!
Ao sopro de meu apito
Faço-o vir muito ligeiro!
Todos tremem, obedientes,
Meus vassalos, meus serventes!...

“Eu tenho ouro, tenho joias
No navio onde eu habito!
Se quisesse ter amantes,
Teria número infinito!
Podia dizer: sou rei!
Governo co’a minha lei!

“Ai, desprezo tudo isso,
Os prazeres me aborrecem!
Não me dá glórias o medo
Dos nautas, que me obedecem:
Que me importa vã riqueza,
Das donzelas a beleza?

“Seria rei orgulhoso
Se não fosse desditado,
Se tivesse mãe na terra,
Se tivesse um pai amado;
Mas sou órfão marinheiro,
Infeliz e aventureiro!...”

DELÍRIO DO LIBERTINO

Je t'adore ange et t'aime femme!
(V. Hugo)

Quantas vezes, mulher, no leito infame,
No quente lupanar d'uma devassa,
Em seus beijos impuros e asquerosos
Nosso amor esquecer tentei debalde...
Quantas vezes no seio da perdida,
D'uma luz ao clarão palidecido,
Uma sombra passar perto do leito
Eu via com a face angustiada,
Olhar-me com tristeza e suspirando
Dizer-me em doce pranto: és um perjuro!...

Quantas vezes, mulher, em louca orgia
Com os ébrios convivas furiosos,
Com vivas infernais, em alaridos,
As taças esgotando, entre os vapores
Do fogoso conhaque, eu via a sombra
(Tua imagem, mulher, que eu tanto amo!)
A passar ante mim, dizer chorando,
Com mui terno gemido: eu inda te amo!

Em ardente sarau, em loucas danças,
Em valsas desvairadas com donzelas,
Com frases lisonjeiras, nos prazeres,
Quantas vezes tentei nossos amores,
Apagar para sempre de minha alma!...

. . . . . .

Debalde, oh! mulher, tento esquecer-te...
Tua imagem me segue em toda a parte!...
Sinto o peito dorido e abrasado,
Ardente a fantasia, o corpo lânguido...
És minha perdição!... Anjo, ou demônio...
Mulher, eu te amo!...

Rio de Janeiro, maio de 1856.

O MEU LEITO

Das frouxas cordas da lira
Arranquemos mais um canto,
Hoje a mente não delira,
Cantemos com doce encanto!
Dai-me, oh estro! já cansado
Um canto bem inspirado
Para o meu pequeno leito:
Agora tive a lembrança
De cantá-lo; que tardança,
Já devia tê-lo feito!...

Quantas noites, leito amado,
Sozinho, triste, cismando,
Mui saudoso em ti deitado,
De pranto fui te regando!
Quantas noites de agonia,
Preso da melancolia
Eu passei velando triste!
Quantas horas d'amarguras
Quantas horas de tristuras,
A sofrer, ai, me sentiste!

E que prazer inocente,
E que encantos venturosos
Eu sentia em ti contente
Em noites cheias de gozos!
Pensando na cara amante,

Que jurado ser constante
Me havia tão sedutora!
E que noite de aflições,
Ah! passei em convulsões,
Quando ela me foi traidora!

Foi noite desventurosa,
Que velei sempre em delírios,
Libando taça amargosa
D'infernais, acres martírios!
Que descri do mundo inteiro
Que meu canto derradeiro
De crente queimei raivoso!
E que frases, que eu soltava
Quando na vida pensava,
Neste mar tempestuoso!

Quando a doença prostou-me,
E fiquei enlanguescido,
E quando a febre abrasou-me
E me deixou abatido!
Que dores, leito adorado,
Eu sofri em ti, sentado
Às bordas da sepultura!
E que pungentes gemidos,
Ai, soltava tão doridos
Repassados de amargura!...

O meu presente e passado,
O sofrer da minha vida,

O prazer já desfrutado,
Minha história bem sabida
Ah! Sabes, meu bom amigo!
No meu quarto a sós contigo
Te confio os meus pesares!
És meu fiel companheiro,
Sempre achei-te hospitaleiro
Dia e noite em meus cansares!

Recebe, leito, o meu canto,
Meu canto, que a ti of'reço,
E sabe, que te amo tanto,
Que sem ti muito padeço!
Meu amigo, eu sou constante
És o leito do estudante,
E nunca te deixarei!
Na velhice quebrantado,
Viverei em ti deitado,
Outro leito não terei!...

A FLORISTA

Oh! que bela tu és, quando assentada
No teu balcão . . . . . .
(Gonçalves Dias)

Passei hoje perto dela,
Era tarde, escurecia,
Era o céu enevoado,
Era escura a noite fria!
E quanto tempo parado
Ai... fiquei extasiado
Diante de seu balcão!...

Tinha em fogo o coração,
Se gozava ardente olhar!...
Que beleza, ai! no seu rosto
Via um sol lindo brilhar!
E, contudo era o sol posto...
Não me olha, que desgosto,
Só olha p'ra suas flores!...

Que encantos, que primores,
Nos dedos, que ligeireza!...
Mas os tão verdes raminhos,
Que ela faz, não tem beleza
Junto aos seus belos dedinhos!
E os amores têm os ninhos
Nos olhos dessa florista!...

Não tira apurada vista
Das grinaldas e verdores!
Não me olha, não repara,
Não sabe dos meus amores!
Ai! ingrata, mulher cara,
De teus encantos avara,
Um olhar!... deixa estas flores!...

Rio de Janeiro, 6 de junho de 1856.

SPLEEN

Que tédio, meu Deus, que vida triste,
Que terrível viver, que enfado atroz!
Coração amoroso, que fogoso
Outrora palpitava, hoje tão frio
Apenas anuncia uma existência!
E esse estro abrasado, que me dava
Inspiradas canções, ternas, ardentes
Jaz hoje tão gelado com o *spleen*!

Se os prazeres procuro, se na turba
Em ruidosos festins, em loucas danças
Eu tento me alegrar deixando o tédio...
É embalde! Tudo odeio e aborreço!

Se numa solidão, longe dos homens
Procuro me abrigar esperançoso
De fruir uma outra vida mais suave...
Já fujo horrorizado! Em toda a parte
Me segue este enfado, esta indolência!

Ah! nenhuma emoção! Gelado e triste
Assim vivo no mundo entre os prazeres!
Se vejo uma donzela ardente e linda,
Uma virgem daquelas que fascinam!
Se os olhos sedutores p'ra mim volve,
Se desprende um sorriso com meiguice,
Olho-a com enfado em tédio imerso!

Se vejo verde estância aonde leda
Sorri-se a natureza com primores,
Onde canta o sabiá com voz canora,
Onde uma primavera sempre reina,
E com magia brilham as florinhas;
Ou se d'alta colina em tarde bela
Contemplo ao pôr do sol o vasto quadro,
Que ante mim se desdobra pitoresco
Com cenas de encantar; e a majestade
Do infinito oceano ou do horizonte
Já tinto pelo sol lá no poente...
Ai! não sinto emoções, só tédio sinto!...

Minha vida enfadonha e desditada,
Tão nua de impressões, de tédio cheio!...
Não se pode, oh! chamar isto uma — vida
E sim um vegetar ou menos que isso,
Fenecer num inferno, em mar de *spleen*!...

Rio de Janeiro, junho de 1856.

CANTA!...

Chantez! Chantez! Jeune inspirée!
La femme qui chante est sacrée
Même aux jaloux, même aux pervers!
La femme qui chante est benre!
. . . . . .
Helas! La voix qui me dit! Pleure!
Est celle qui vous dit: Chantez! ...
(Victor Hugo)

Continua este canto, anjo inspirado!
Solta a divina voz, que me eletriza!...
Canta ! Canta uma vez, eu te suplico...
Teu canto me dá vida, mata, enleva!...
Hesitas....não conheces vate jovem,
Qu'assim t'ousa falar com voz ardente?!...
Eu te conto quem sou! Em paga um canto!...

Eu era um infeliz... um desditado...
Um vate sem esp'rança, neste mundo
Tinha a mente gelada, os olhos mortos,
Meu peito era dorido... o corpo lânguido...

Pálido meu semblante... incerto o passo...
A tez inda noviça era enrugada!...
Minha vida, mulher, queres qu'eu conte?...
A vida do cantor, nua de gozos
E fértil de pesares, d'agros prantos!
Uma vida aborrida, que pesava
Ao poeta da morte desejoso!...

Nunca ouviste contar essas histórias
De náufragos no oceano em fraca tábua,

Que veem no horizonte... lá bem longe...
Um navio, que os vendo salvar pode?
Que morrendo em miséria, em desespero,
Acenam com seus lenços, gritam... choram!
E o navio não os vê... e vai fugindo!?...
Qual a vida de inf'lizes, que assim sofrem
Era igual meu viver, mulher divina!
Como eles desejavam o salvamento,
O deles era a vida, o meu... a morte!...

Cala!... Dizes tu, não mais prossigas!
E choras com tristeza e comovida!...
Cala!... dizes-me tu, não vês, meu anjo?!
Já não sou infeliz... o terno pranto
Qu'ora vês em meu rosto, é só d'ouvir-te!
Não é pranto sinistro, é só d'enlevo!...
Outrora era infeliz, nada movia-me
Gelado o coração, peito de bronze!...

Já não sou desditoso! Ouvi teu canto,
Senti o coração pular de gozo,
Chorei enternecido... já era outro!
Tu deste-me hoje a vida! Ah! és um anjo!
És tu o meu santelmo... me salvaste!...

Canta! Canta, mulher... eu te suplico!
Tua voz tão divina me dá vida,
Me abrasa a fantasia... esquenta o sangue...
Me arranca do viver triste e gelado!...
Canta, mulher!...

Rio de Janeiro, 18 de junho de 1856.

A SORTE DO POETA

Quase é do vate estrela o infortúnio!
Como os mártires são, que só morrendo
A apoteose recebem!...

. . . . . .
Fado! Fado do gênio rigoroso!
(Gonçalves de Magalhães em *Suspiros Poéticos e Saudades*.)

I

Quanto é dura, meu Deus, quanto é amarga
A sorte do poeta!
Qual um anjo divino neste mundo,
Com a mente abrasada, a fronte erguida
Pulsa a lira afinada e vai cantando
Seus hinos inspirados, puros, santos!
Canta as glórias da pátria fervoroso!
Entoa gratos cantos à virtude,
Admira a natureza e seus primores,
E em doce harmonia aos Céus eleva
Sublimes orações a Vós, meu Deus!
O mundo lê seus cantos inspirados,
Aplaudem, dão-lhe c'roas, vão sorrindo!...

Se depois com miséria amarga e triste
Geme o vate aplaudido em duro leito,
Com fome, com fraqueza, enlanguescido,
Esmolas! com voz fraca pede ao mundo,
Os homens dizem não! Com vil desprezo!...

II

Do velho Portugal o pobre Antônio
As cidades percorre suplicando,
Com o rosto do pranto já cavado,
Dizendo ao Lusitano:
"Camões está morrendo na miséria!
"Para o vate uma esmola, oh! Portugueses!..."

O rico, o potentado, o nobre altivo
Nem sequer respondia, e nem olhava!
Uns passavam mofando, outros diziam
"A poetas esmolas? Isso é galante!
"Caridade a vadios... façam versos;
"Quem quer ter pão não folga, antes trabuca!"
E a turba aplaudia com risadas
O dito esp'rituoso, repetindo:
Mate a fome o poeta com seus versos!

E o pobre e fiel Jáo, do terno amigo
Pranteando infeliz a triste sorte,
Voltava ao seu alvergue sem ceitil,
Farto de trabalhar, mas não de esmolas!
Então consigo só imerso em mágoas
O amigo assim deplora e a sorte sua:
"Meu Deus! Em minha Java, em minha terra
Nunca vi tantas feras! Lá os homens
Não têm o coração de pedra e ferro!..."
Gemendo olhava o leito, em que jazia
Prostrado, macilento, e moribundo
O sublime Camões, que tanto amava!...

Ingratos portugueses, terra ingrata!
O valente guerreiro, o vate ilustre,
Que o sangue derramou, salvando a Pátria,
Que imortal fez seu nome em todo o mundo
Inspirado cantando as pátrias glórias!
O poeta Camões morreu de fome!!!...

III

Com os anos já fraco e quebrantado,
Mendigando no exílio entre os estranhos,
De sua ingrata terra com saudades
Morreu Filinto!
Ah! dize Portugal aonde existe
Do exímio poeta o monumento?...

Seus cantos, que te honraram, tu conservas!
E seus restos mortais estão perdidos
Numa campa mesquinha entre outras muitas
Da terra, em que morreu velho, exilado!!...

Assim nosso Dirceu, nosso Gonzaga
Amante e jovem vate brasileiro,
Nas plagas africanas, miserável,
Morreu em vil desterro!
Só porque dos grilhões d'um povo estranho
Queria libertar a terra pátria!...

IV

Se nos tempos passados o desprezo
Era a paga dos cantos d'um poeta,
De cantos inspirados, que legavam,
Muitas vezes, a pátria nome ilustre;
Se nos tempos passados qual um louco
Vagabundo, ou vadio um grande bardo
Era tido entre os homens em terra sua...
Hoje, oh Grande Deus! eu vejo o mesmo!...

Hoje vejo um poeta doce e terno,
Gênio consolador, que em maga lira
Inspirado desprende melodias,
Que encantam a nossa alma, que fascinam!...
Um poeta, que enleva com seu canto!...

Sim: o cisne de França, o grande vate,
Que nos deu de sua lira as inspiradas
Meditações!
Hoje velho e cansado, na miséria,
Ai, trabalha! trabalha para ao menos
Ganhar parco alimento p'ra família!
Trabalha! Quando fraco, na velhice
Merecia um descanso, se não fosse
A pátria sua, ingrata!...

Se Filinto, Dirceu, Camões, Chatterton,
Morreram da miséria perseguidos;
Se finou-se na pobreza o velho Homero;

Se Tasso na masmorra em triste pranto
A existência gastou atormentado
Por um vil carcereiro, e vil desprezo...
Na França civ'lizada, oh! hoje vive
Já velho e muito pobre um terno vate,
Suave Lamartine!...

V

Quanto é dura, meu Deus, quanto é amarga
A vida do poeta!
De seus cantos divinos, inspirados,
Quantas vezes a pátria dá-lhe em paga
A miséria o desprezo o esquecimento!

A SERRANA

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente?
(Camões em *Os Lusíadas)*

Ontem à tarde junto ao rio
Contemplei linda serrana
Tão mimosa! Semelhava
Das náiades a sultana!...
Ontem à tarde junto ao rio
Padeci com dor insana!...

Debaixo d'uma mangueira
A formosa repousava,
Eram negros seus cabelos,
Que doce brisa beijava!...
Debaixo d'uma mangueira
A serrana meditava!...

Olhava para o regato
Com dulçor e com meiguices,
Suspirava tristemente,
Como suspiram inf'lices!...
Olhava para o regato,
Murmurando com ledices!

Desejei dessa mangueira
Ser o ramo, que abrigava
Seu lindo rosto moreno
Do quente sol, que brilhava!

Desejei dessa mangueira
A ventura que gozava!...

Desejei ser o regato
Serpeando brandamente,
Onde vi qu'ela fitava
Seu olhar de fogo ardente!
Desejei ser o regato,
Que corria mansamente!

Quisera ser fresca brisa
Suspirando em seus cabelos,
Tão formosos, tão credores
De cuidados e desvelos!...
Quisera ser fresca brisa
Em seus cabelos tão belos!

Quem dera eu fosse o serrano
Da serrana fido amante,
A causa de seus pensares,
De seu viver suspirante!...
Quem dera eu fosse o serrano
Da serrana fascinante!...

Muitas horas escondido
Contemplei a virgem linda,
Que mostrava em seus gemidos
Ter paixão, ou dor infinda!...
Muitas horas escondido
Passaria vendo-a ainda!...

Quase à noite ela correndo
Pelas colinas medrosa,
Retirou-se suspirando,
Qual fada desventurosa!
Quase à noite ela correndo
Foi na mata se escondendo!...

Ontem à tarde, meus amigos,
Contemplei-a com respeito!
Não dormi, e figurou-me
De ferro meu brando leito!
Ontem à tarde, meus amigos,
O Amor feriu meu peito!...

A CANÇÃO DO JANGADEIRO

Rema, rema, jangadeiro,
Vai tua esposa abraçar,
Ver os tão tristes filhinhos,
Que já choram de esperar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Já é noite, e os teus filhos
Jazem na praia a esperar;
Coitadinhos, têm os olhos
Nas águas sem os mudar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

É tão precário o sustento,
Que colheste lá no mar!
Mas assim da tenra prole
Vais a fome saciar...
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Pobre esposa carinhosa
Só vive para te amar!
Tenros filhos inocentes,
Só a ti sabem adorar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Grande Deus! quanto padeces
Vendo os filhos a chorar,
Ralados pela miséria,
Tão pequenos a penar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Tua esposa, cuidadosa,
Teus vestidos a enxugar,
Quanto é terna e desvelada,
Quanto é firme o seu amar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Quantos ricos gastam ouro
Para de festas gozar!
Quantos risos nos festins,
Mas a sós quanto pesar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

E tu, pobre, assim pequeno
Sem a grandeza invejar,
És feliz se para os filhos
Trazes sustento do mar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Quantas vezes na jangada
Pescando estás a cismar!
Quantas vezes sem sustento

Triste voltas para o lar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Mas, hoje graças a Deus,
Foste feliz no pescar!
Vai ver a esposa e os filhos,
Vai contente os abraçar!
Rema, rema, jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro!

Ceará, agosto de 1855.

GEMIDOS DE UM INFELIZ

Sou um vate desditado
Só fadado p'ra cantar!
Meu viver é desgraçado,
Minha sina é só de amar!
Na lira meu triste canto
É banhado pelo pranto
E por dorido gemer!
Infeliz e sempre aflito,
Da ventura sou proscrito:
Vim ao mundo p'ra sofrer!...

Tive um tempo de ventura,
Em que só prazer fruia;
Ah! que idade de candura,
Que idade só de alegria!
Foi minha infância querida
A quadra melhor da vida,
Tão feliz, tão inocente!
Nos prazeres só pensava:
E que planos eu formava
Nessa vida inexp'riente!

Tosca lira dedilhando
Ia aprendendo a cantar,
A inocência me inspirando
O meu singelo trovar;
Pelo campo o regatinho

Murmurando tão mansinho,
Avezinha que trinava
Em seus raminhos saltando,
Terna rolinha arrulhando,
Eis na lira, o qu'eu cantava!

Mas, ah! depressa findou-se
Essa quadra de candura,
E muito cedo acabou-se
O meu canto de ventura!
Vendados olhos abri,
Foi então, oh Deus! que vi
Este mundo enganador!
Chorei minha desventura,
Minha sorte amarga e dura,
Chorei do mundo o rigor!

Viajor desconhecido,
Estranho mundo trilhei,
Num horizonte negrido
A desgraça divisei!
Vi do mundo uma donzela,
Achei-a tão pura e bela,
Tão bela, que fascinava!
Amei-a!... terno e prostrado
Aos seus pés, extasiado,
Jurei-lhe, que muito a amava!

Era bela! Se lançava
De seus olhos, com langor,

Um olhar... ah! que matava,
Ai! que matava de amor!
E se, oh Céus! ela p'ra mim,
De seus lábios de carmim,
Um sorriso desprendia...
Tinha febre abrasadora,
Tinha febre queimadora,
O meu coração ardia!

Amei! amei extremoso
A mulher que me enlevava,
E julguei-me venturoso
Com amor que me cegava!
Minha lira dedilhando
Passava a vida cantando
Sua beleza sem par!
Passava a vida ao seu lado,
Julgada ser dela amado,
Só vivendo para a amar!

Infeliz!... eu fui traído
Pela mulher, que amei tanto!
Dela fui escarnecido,
Escarnecido meu pranto!
Surrio-se da minha dor,
Desprezou o meu amor,
E odeia o meu cantar!...
Se a ingrata hoje diviso,
Sarcástico, infernal riso
Vem meus lábios roxear!

Ai! basta, lira querida,
De gemer e suspirar,
Esta tão infeliz vida,
Ah! basta já de cantar!
Estala as cordas; comigo
Vem repousar num jazigo:
De dor me sinto morrer;
Tem sido longa escabrosa,
Esta vida desditosa!
Foi acre meu padecer!...

Ceará, abril de 1855.

CANTIGA DO VIOLEIRO

(Poesia Popular)

Nas cordas desta viola
Quando toco e vou cantando,
Meu coração contristado
Em prazeres vai nadando.

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!

Adoro belas mocinhas
Que na dança são airosas,
Canto meiguices e graças
Daquelas que são formosas!

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Muitas vezes à noitinha
Quando assim passo cantando,
No peito sinto a viola
Com magia suspirando!

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Ai, não sinto cruéis dores,
Nem pesares amargosos!
Minha vida é d'alegrias,
É vida de puros gozos.

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Amo a virgem de olhos pretos,
E a de olhos verdes também!

Os pretos brilham fogosos,
Os verdes firmeza têm!...

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Amo ver a donzelinha
De cabelos *encrespados*!
Amo ver belos corpinhos
No dançar mui requebrados!

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Gosto muito em uma festa
De ao desafio cantar,
Se tenho bom companheiro,
Que me saiba acompanhar!

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Nas funções a minha fama
É de todos bem sabida!
Sempre venço improvisando
A musa mais *destemida*!

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Sou filho destes sertões,
Sou filho do quente Norte!
Cantando nasci, cantando
Andarei até a morte!...

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando

Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Para festas, ou funções
Aqui sempre fui chamado!
Quero bem toda essa gente,
Dessa gente sou amado!...

A vida passo
Assim cantando,
Assim tocando
Numa função!
D'amor o laço
Já me prendeu!
Já se rendeu
Meu coração!...

Ceará, 1855.

AS DUAS AMIGAS

Amavam-se ternamente,
Eram puras e mimosas
Duas virgens mui formosas
Amigas de coração!
Eram lindas, sedutoras,
E meigas, encantadoras
As belas de tenra idade
De tão cândida afeição!

Se tristinha uma soltava
Terno suspiro saudoso;
Ou se pranto copioso
Lhe banhava o lindo rosto;
A outra também chorava,
Também triste suspirava,
Partilhando com candura
D'amiga qualquer desgosto.

Quando ledas, divagando
Pela campina corriam,
E o doce prazer fruíam
Desse brinquedo inocente!
Eram cândidas rolinhas
Saltitando nas raminhas
A gorjear docemente.

Iguais em manhã serena
As duas suaves rosas
Odoríferas, mimosas
Atadas com firme amor!
Eram, quais do firmamento,
O mais formoso ornamento,
A brilhar duas estrelas
Com lindo e vivo fulgor!

Era tão terno, extremoso
O puro, suave amor,
Qu'essas virgens com fervor
Sinceras se consagravam!
Eram elas dois anjinhos,
Que do Céu, inocentinhos,
Vieram p'ra se adorarem
Cá na terra onde habitavam!

Ceará, junho de 1855.

RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA

(No Álbum de um amigo)

Oh minha infância! Oh estação de flores!
De inocente ilusão mansão suave!
(Magalhães em Suspiros Poéticos e Saudades)

I

Com o peito ralado pelas dores
D'amargosa desdita, que povoa
Meu cansado viver com duras penas,
Que direi, caro amigo, no teu álbum?

Nem posso mais cantar! nem eu sou vate!...
Com a voz ronquecida e já mui fraca
D'eterno suspirar, gemer pungente,
Sem, oh Deus! tosca lira ter, ao menos,
Sem uma inspiração, angustiado,
Que direi, caro amigo, no teu álbum?..

II

Sim; poeta não sou... em outros tempos
Já o fui, já cantei, já tive lira!...

Em tempos venturosos... foi um dia...
Eu era ainda infante!
Numa bela casinha, nas montanhas,
No meio de colinas matizadas
De fragrantes florinhas, verde relva,

Eu vivia tão feliz, ledo e tranquilo,
Qual puro ribeirinho, que desliza
Entre os alvos seixinhos murmurando!
Minha mãe, oh meu Deus! que tanto adoro,
O meu pai desvelado e carinhoso,
Três queridas irmãs na flor dos anos,
Parentes e amigos devotados,
De mim em torno via, assim ditoso
A todos eu amava, e era amado!...

Então era eu poeta!... Vendo a rola
Extremosa afagar o bem-amado,
Dando beijos mui castos ao parzinho...
Ou se triste ululava com saudades
Tão chorosa e sozinha nos raminhos...
Eu cantava na lira à rola endeixas!

Então era eu poeta, então cantava!
Quando a aurora risonha no horizonte
Co'a face enrubescida e radiante
Surgia, e começava de avezinhas
O hino ao Criador da natureza;
Qual as aves, com voz pura inspirada,
Acordava cantando!...

E cantava as florinhas, que movidas
Pela brisa da manhã deixavam ledas
Na campina cair o fresco orvalho,
O pranto d'uma noite já passada!
Iguais à donzela casta, ingênua,

Que chora e depois dos róseos lábios
Um sorriso desprende com meiguice,
Deixando-lhe caírem, de seu pranto
As gotas cristalinas no vestido!...

Brincava todo o dia pelos campos,
Nas colinas correndo entre as ervinhas,
Tentando segurar a borboleta
A quem votava amor! Assim cansado,
Quantas vezes, sentei-me e muitas horas,
Em pequeno rochedo ao pé da fonte,
Mirando em fresca linfa sossegada,
A sombra juvenil à flor das águas,
Passava meditando, em doce enlevo
Bebendo inspirações, cantando terno!...

Então era eu poeta, então cantava!
À tarde quando o sol noutros países
Ia dar nova aurora a outros viventes,
A outras aves, que talvez em seus raminhos
Ansiosas o esperassem p'ra saudá-lo...
Eu sozinho cismava contemplando
O painel majestoso do sol posto!
Contrito e fervoroso ao Deus Eterno
Cantava uma oração, que me ensinado
Havia minha mãe, em tenra idade!...

Acordava cantando em linda aurora,
E sempre, oh meu Deus! no fim da tarde
Adormeci cantando!...

III

Era a vida feliz... ai! foi um sonho...
Um sonho encantador tantas venturas!
Brinco da fantasia... ou leve sombra,
Que vi no horizonte maga e bela,
E assim despareceu... visão mui leda
Qu'em ruidoso festim embriagado
Ao longe divisei... depois perdeu-se!...
Foi um sonho, visão, ou maga sombra
Uma quadra feliz, que já passou-se!

Hoje vejo o presente negregado,
E navego num mar de tempestades
Sem estrela, ou farol, em frágil barco
À mercê do tufão e das procelas!

A lira me arrancaram e em pedaços
No fundo dos abismos sepultaram-na
As ondas furiosos do infortúnio!
Minha voz doce e terna, qu'entoava
Os cantos inspirados da inocência,
Ficou enrouquecida e gemedora!...

IV

E me pedistes, amigo, um doce canto
D'um poeta ditoso e de esperança!
Mas sou um inf'liz! Só do passado
Posso aqui escrever triste lembrança!

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1856.

A MARIPOSA

Não adejes, mariposa,
Ao redor da chama ardente!
Perto da luz te não chegues
Uma vez, ah! sê prudente!

Vê, mariposa, que morres
No aceso fogo queimada,
Se tão perto estás voando
Da candeia espevitada!

Semelhante à mariposa
A virgem perde o candor
Se tão perto ela se chega
De imunda chama d'amor!

Ai, foge, pequena louca,
Perto não voes da candeia!
Mariposa, vê, que morres
Nesta chama que se ateia!...

Lá morreu o pobre inseto,
Imprudente voador!...
É pior o fim da virgem
Vítima d'infausto amor!...

ASSIM!...

Ah! donzela, a quem terno amor consagro
Sem fim!
Tu me matas, meu anjo, quando me olhas
Assim!...

Me incendeias a mente se desprendes
P'ra mim,
De teus lábios corados um sorriso
Assim!

Teu colo semelhando branco e belo
Cetim,
Enlouqueço se perto o vejo arfando
Assim!

Teus lábios sentir eu bem quisera,
Oh! sim!
Libar ardente beijo... a sós contigo...
Assim!

Seu aroma, mais suave que do lindo,
Jasmim,
Quisera respirar em uma tarde...
Assim!

Para amar uma virgem foi que ao mundo
Eu vim:
Eu por isso, oh meu anjo, juro amar-te
Assim!...

ESCUTA!...

Não ouves, minha querida,
A doce brisa mui terna
Murmurando?
Assim, ai! de ti ausente,
Eu saudosa e tristemente
Suspiro por ti chorando!

Não ouves a parda rola
Ululando tão saudosa,
Docemente?
Assim o triste cantor,
Na lira sua de dor,
Descanta terno e gemente!

Não ouves como ruidoso
Freme com força o mar
Raivecido?
O dia, que não diviso
Um teu olhar, teu sorriso
Assim fico enfurecido!

Escuta a brisa e ouvirás.
Os meus suspiros d'amor!
Triste canto
Da rola escuta maviosa,
A minha voz amorosa
Ouvirás com o meu pranto!

Escuta a fúria das ondas,
Com força contra o rochedo,
Tão frementes!
E verás, minha querida,
Nessa luta desabrida,
Meu sofrer, prantos ardentes!

Escuta agora o teu bardo
Sua lira dedilhando
Com fervor!?
Ouvirás hinos mui belos
A teus olhos, teus cabelos,
Teu sorriso sedutor!

E nele verás, oh bela!
Do teu sempre fido amante
Puro ardor!
Escuta! Ouve piedosa
Esta canção fervorosa,
Esta canção só d'amor!...

A PROCELA

Tu és Pai, oh meu Deus! Misericórdia!
(Gonçalves de Magalhães)

Balançam com força as árvores,
As folhas dispersas voam,
Os ramos tombam quebrados,
Os trovões o espaço atroam;
Zune com fragor o vento,
Faz lembrar final momento
Do mundo no seu transporte!
Destrói as matas frondosas,
Varre as ervinhas mimosas,
Pisa o fraco, quebra o forte!...

Rangem telhas, bambaleiam
Paredes da habitação;
Voam palhas das choupanas
Co'o furor do furacão:
Grita assim desenfreada
A procela desvairada,
E a infrene ventania!
No palácio o potentado
Do remorso torturado,
Na choça os ais d'agonia!...

Freme o mar com desespero,
Bate a onda no rochedo,

Vê seu batel alagado
Transido o nauta de medo;
As ondas montes formando
E co'as nuvens entestando
Soltam hórridos rugidos!
Quais feras furiosas,
A terra escarvam raivosas,
Sem achar filhos perdidos

A chuva se precipita
Em ruidosa aluvião,
Gela o frio! Jaz o mundo
Envolto na escuridão!
Eis rasga o negro sudário
O cego raio nefário,
Que do Céu procura a terra!
E o relampo fuzilando
Da procela vai mostrando
O horror, que tudo aterra!

Contra seus peitos apertam
As mães os filhos, que choram,
E juntos no lar doméstico
Velhos, moços, a Deus oram;
Tremem todos e padecem,
Esse Deus, que sempre esquecem
Nas orgias e pecados,
Com o medo, co'o perigo
Tão contritos, lá consigo,
Hoje suplicam prostrados!...

Se depois da tempestade
Vem o tempo da bonança,
Do que agora assim prometem,
Perdem de todo a lembrança;
Vão no vício prosseguindo,
Da virtude vão sorrindo,
Quais d'antes, homens descridos!
Da procela atroz horrores
Fazem tremer pecadores,
Já da morte espavoridos

Com o clarão do relampo,
Que por sobre nós fuzila,
Olhemos o vasto quadro
Desta terra ontem tranquila:
Aqui treme o rico nobre,
Ali ora humilde pobre
Tão cheio de contrição!
Aqui árvores quebradas,
Ali choças derribadas,
Em tudo destruição!

Senhor Deus, misericórdia!
De nós tende compaixão!
Suspendei justo castigo,
Homens filhos vossos são!
Dizei aos ventos: parai!
Ao oceano: sossegai!
E silêncio à tempestade!
Se sofre em torpe pecado
O soberbo, o depravado,
Geme a virtude, a humildade!...

A BONANÇA

Desaparece a morte,
Raia o sol, ri-se o Céu, o mar se aplana:
Glória! Glória ao Senhor! Estamos salvos.
(Gonçalves de Magalhães)

Louvores a Deus
Comigo entoai,
A fera tormenta
Mui longe já vai!
Um hino cantemos,
Contritos oremos
A Deus, nosso pai!...

Eis já longe o perigo, o grande medo,
Da procela o fragor, raios trovões,
Que d'espanto transidos nos volvia
Entre o hórrido rugido dos tufões!
Depois da comoção feia, tetérrima
Descai a natureza, sem ruído,
Em doce sono!

Calam-se os elementos, que sem freio
Par'ciam acabar co'a terra inteira!
Os filhos suplicaram d'um pai Santo,
Sossegai! foi a ordem justiceira:
Sossega a tempestade, e da bonança
Já brilhou o santelmo d'esperança,
Salvos estamos!

Não se ouve trovejar, breves relampos
Muito ao longe se perdem fuzilando!
O forte vendaval já não destrói
As matas onde a brisa está brincando;
As relvinhas verdejam; lindas flores
Exalam brandamente seus odores,
Ledas sorrindo!

Co'a procela o regato transformado
Em túrbida torrente furiosa,
Como outrora mansinho coleado
Se desliza em campina tão verdosa!
As aves foragidas enxugando
As maltratadas plumas vão cantando
Mui docemente!

O oceano, que bramia fero e rouco,
Qual tigre no furor de seu assanho,
Beija agora alva praia manso e brando
Qual pacífica ovelha no rebanho!
O Céu de espessas nuvens carregado,
Já límpido e formoso vê rasgado
O atro sudário!

Sorri-se a natura,
Sorri-se a bonança,
Findou-se a procela,
Alveja a esperança:
No Céu brilha o sol;
Sussurros mistura

A fonte aos da brisa
Que leve murmura;
Nos campos as flores
Desprendem fragrâncias;
As aves gorjeiam
Com ternas sonâncias;
Os mares são mansos;
Os ventos são quietos;
No prado esvoaçam
Bonitos insetos!
A negra tormenta
Já ei-la descansa:
Sorri-se a natura,
Sorri-se a bonança!...

Louvores a Deus
Comigo entoai,
A infrene procela
Mui longe lá vai!
Contritos oremos,
Um hino cantemos
A Deus, nosso Pai!...

VEM!...

Vês: nem lua no Céu!... tudo é medonho!
Nem estrela de luz! . . . . . .
. . . . . Vem, meu anjo!
(Álvares de Azevedo)

É negra a madrugada! Vem, querida...
Que o astro da manhã inda não fulge!
Do galo reboando vai o canto
Pausado e estrepitoso ao longe terno!
Estrelas desmaiadas nos contemplam,
O sudário da noite inda nos cobre!
A sós na solidão te espero há muito,
E tu... tardas ainda!... O triste vate,
Mulher escuta!...

Ah! não tardes, amada, vem, medrosa,
Viver alguns momentos nos meus braços,
De teus lábios eu quero amantes beijos,
Co'o teu peito mimoso ao meu unido,
Quero ouvir-te exalar frouxos suspiros!
Vem comigo sentir num beijo ardente
Um desmaio de amor!... É bela a noite
Assim passada!

. . . . . .
. . . . . .

Debalde te chamei! Debalde em prantos
O silêncio rompi da madrugada

Com rouca e terna voz, que te chamava!...
Insisto, e tu não vens! Debalde espero
No tálamo de insônias delirando!...
Puro albor da manhã já se desdobra;
E eu, ai! a suspirar teus doces beijos,
Teus meigos amplexos!...

Ah! que não sabes quanto abrasa
Amor que sente o vate em seus delírios!
A fogosa paixão que lavra n'alma,
Orvalhada com prantos, emurchece
Das faces linda flor do adolescente!...
Não sabes, oh mulher, o mago encanto,
Que sente o trovador quando respira,
Em desmaios d'amor, gratos perfumes
D'um seio casto!

A SINHAZINHA

Mon amour, à quoi penses tu?
(Alfred de Musset)

Em que pensas, sinhazinha,
Quando estás cismando assim?
Eu vi passar em teu rosto
Uma nuvem de carmim!...
Acaso pensas, anjinho,
Em mim?...

Por que divagas à tarde
Nestas praias com tristor?
Por que me falas medrosa,
Ai, por que tanto palor?!...
Acaso sentes, oh bela,
Amor?...

Também ontem passeavas
Pelas praias a cismar,
Vendo a vaga no rochedo
Com brandura se quebrar:
Gostas d'ouvir os gemidos
Do mar?

Eu te vi louca correndo
Em baile ardente a valsar:
Eras das festas primeira,
Gostavas de te adornar!

Não vivias para alegre
Brincar?...

Odeias as danças hoje,
Mais na festa não te vi!
Apenas gostas à tarde
Cismando passar aqui!
Sinhazinha, que mudança
Em ti?!...

Assim tão só, em que pensas
Da vaga ouvindo o rumor?
Contemplando a fresca tarde,
Por que te queima o rubor?
Acaso em tudo descobres
Amor?...

Minha ingênua criancinha,
Quero contigo cismar!
Quero assim viver pensando
Ao teu lado e junto ao mar!...
Quero, menina, ensinar-te
Amar!...

Rio de Janeiro, 1856.

LEMBRANÇAS DA PARTIDA

I

É quase meia-noite! Os verdes ramos
Do frondoso arvoredo
Com o vento gelado d'horas mortas,
Perdem grato sossego.

É quase meia-noite! Mudas horas,
Em que passo velando,
Vendo ao leve tremor da vela ardente
Visões esvoaçando!

A lua vagarosa em seu passeio
No pulcro firmamento,
Lança branco clarão, que vai transpondo
A porta do aposento!

Contemplo-a transportado em doce enlevo
Com saudades cismando!...
E vendo-a julgo ver enlanguescida
Donzela passeando!...

Ali perto magoadas vão gemendo
As ondas do oceano,
Beijando a branca riba e murmurando
Seu doce e terno arcano!...

É quase meia noite!... Sinto o vento
Gelado sussurrando!...
Em pensares submerso, no silêncio
Eu velo meditando!...

II

Poucas horas, meu Deus, ah! poucas horas
Vagando passarei por estes lares!
O momento do adeus já se aproxima:
Em breve partirei sulcando os mares!

Dos gemidos das ondas, dos luares
Inda gozo cismando no Janeiro!
Em breve no oceano, em veloz barco,
Que a terra onde nasci busca ligeiro!...

Longos meses vaguei, vaguei sem guia,
Entre as ondas d'ignota multidão!
Ausente de meus lares, triste... errante...
Sentindo da saudade agra aflição!

Em idade infantil julguei finar-me
Quando em prantos parti, com ais doridos!
Não sei o que senti..., a mãe querida
Me abraçando chorou... soltou gemidos!...

Ai! parti! E meu pai tão desvelado
A bênção me lançou, me aconselhando!
Os orvalhos do pranto, magoado,
Sua faces então foram molhando!

Ai, parti! Minhas ternas irmãzinhas
Saudosas me abraçaram pranteando!
Na praia me deixaram meus amigos,
E no barco saltei inda chorando!

À formosa montanha onde habitava,
Eu disse com tristeza um terno adeus!
Os mimosos cantores da espessura
Deixando-os, não ouvi mais cantos seus!...

III

A partida se aproxima
Para a terra em que nasci,
Vou ver a serra formosa,
Que rival não tem aqui!
Voltando para meus lares
Vou ver aqueles lugares
De tão saudosas lembranças!
Vou viver em minha terra
Na casinha lá da serra
Numa vida de bonanças!...

Abraçar a mãe querida,
Por quem suspiro e pranteio;
Vou vê-la! Gozar afagos,
Ternos mimos em seu seio!...
Abraçar o pai amado,
Carinhoso e desvelado,

A quem, oh Deus! amo tanto!
Vou ver minhas irmãzinhas,
Tão novas, inocentinhas,
Vou deixar viver de pranto!...

Vou ver a fresca vertente
Refrescando os laranjais,
Da brisa fraco murmúrio
Nos verdes canaviais!...
Ver a fonte da ladeira
Deslizando feiticeira,
Onde sempre me banhava;
E das matas os cantores,
Os mimosos trovadores,
Que eu tão gostoso escutava!...

E ver o belo rochedo
Da saudade apelidado,
Onde cismando passava
Lindas tarde arroubado!...
E ver a ingênua serrana,
De candura soberana,
Junto à fonte descansando;
O cafezeiro, a brilhar
Ao sol, e argênteo luar,
Verdes folhas agitando!

A cascata majestosa
Das serras, numa colina,
Uivante qual onça brava,

Com torrente cristalina!
Ver o quadro majestoso,
O lindo campo verdoso,
Da casinha lá das serras!
Distantes povoações,
As campinas dos sertões,
Longes mares, longes terras!...

Vou em breve, Santo Deus,
Gozar tamanha ventura!
Ao lado dos pais queridos,
Vendo sorrir-se a natura!
Vou, feliz, ver minha estância,
Ver os lugares da infância,
E minha bela montanha!
Vou, oh Deus! ser venturoso,
Vou deixar de ser saudoso
De meus pais, e da Aratanha!...

IV

Adeus, gentil Guanabara,
Adeus montes, adeus prados!
Da partida se aproximam
Os momentos desejados!

Mansas águas da baía
Desta terra tão formosa;
Corcovado altivo e nobre;
Linda Tijuca verdosa;

Recebei meu terno adeus,
Recebei um ai penoso!
Meu viver aqui foi triste,
Contudo parto saudoso!...

Do adeus já se avizinha
O momento derradeiro!...
Adeus, gentil Guanabara,
Adeus plagas do Janeiro!...

AVE, MARIA

Das matas na espessura, nas campinas,
Nas vagas do oceano fero uivando,
Pausado vai o sino reboando,
Ave, Maria!...

No alpendre da choupana as criancinhas
De joelhos em terra oram contentes!
Balbuciam nos hinos inocentes:
Ave, Maria!

As cãs expondo ao tempo o pobre velho,
Com os anos pendido e quebrantado,
Murmura fervosoro e devotado:
Ave, Maria!

Cansado o lavrador vai do trabalho
À casa procurar grato remanso,
Orando no caminho do descanso:
Ave, Maria!

Do mísero Africano, homem vendido,
Pelo fero senhor acabrunhado,
Do alívio é momento desejado.
Ave, Maria!

A pálida donzela desditosa,
Que precisa da noite p'ra seu pranto,
Vê leda anunciar o negro manto,
Ave, Maria!

Ai, no bronze pesado seis pancadas
Duro ferro aplicou!... Aos Céus oremos!
Contritos e prostrados entoemos:
Ave, Maria!...

NO ÁLBUM

Do meu amigo
Joaquim Insley Pacheco.

. . . . . Não pode cantar com melodia
Um peito de gemer cansado e rouco!
(Bocage)

Quisera canto suave
Em minha lira cantar,
Um canto doce e mui lindo,
Que te pudesse ofertar!...
Uma bela melodia,
Inspirada poesia
De teu álbum nesta folha,
Ai, se eu pudesse deixar!...

Quando triste, a minha lira
Não desprende sons mimosos,
Estâncias ledas, ardentes,
Prelúdios harmoniosos!...
Apenas solta gemidos
Com prantos tristes, doridos,
Rudes sons descompassados,
Linguagem dos desditosos!...

Me pediste, caro amigo,
P'ra ledo canto escrever...
Ai, não pode um vate triste
Jamais deixar de gemer!
Quis entoar belos cantos,

Procurei magos encantos,
Debalde quis os gemidos
Por um momento deter!...

Nas poucas cordas da lira
Procurei com ansiedade
Um canto alegre e mui belo
De grata suavidade!
Assim ouvi com doçura
Entre as notas de tristura
Mago som... doce murmúrio...
Um protesto de amizade!...

NAS VÉSPERAS DE PUBLICAR ESTE LIVRO

Como os acordes d'uma harpa
Em colinas escabrosas,
Vão ao longe se perdendo
Em longas matas frondosas;
Qual gemidos reboando,
Nos abismos se finando
Com os mugidos dos ventos;
Assim vão prelúdios meus,
De tosca lira, meu Deus,
Nascidos dos sofrimentos!

Assim, em breve dispersos
Deste mundo na amplidão,
Só terei dos meus prelúdios,
O eco do meu coração!...
Entre a turba se perdendo,
Fracos sons emudecendo,
Ai, não serão compreendidos!
Um sorriso aqui mordaz,
Emoção ali fugaz,
E de todos esquecidos!...

Vai, meu livro, vai no mundo,
Neste mar tempestuoso,
Arrostar as penedias
E duro fado amargoso!...

Vais ser batel naufragado,
Pelas vagas soçobrado,
E do vento combatido!
Ler-vos-ão os invejosos,
Os homens torpes, maldosos,
Qu'escutam rindo um gemido!...

Vai, meu livro, vai dos zoilos
Suportar atros rigores;
Viajar nas mãos dos homens
Transido de acerbas dores!
Ah! se fores compreendido,
Se co'emoção fores lido
Por algum anjo mimoso...
Ai, fala, meu livro, fala...
Dize tudo... nada cala,
Do que sente um desditoso!...

FIM.

gráfica editora
TIPROGRESSO

Este livro foi composto na fonte Georgia, corpo 11,
títulos no corpo 16. O miolo foi impresso no papel AP 75g/m²
e a capa em papel cartão supremo 250g/m².
Impresso pelo Gráfica Tiprogresso em maio de 2010.